



**O IMPACTO DO INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO NO EXTERIOR NO PAÍS DE  
ORIGEM DO INVESTIMENTO**

por

Luísa Manuela Soares Duarte

Tese de Mestrado em Economia

Orientada por

Professora Ana Teresa Tavares Lehmann

2014

## **Nota biográfica**

Luísa Duarte, nascida a 28 de Março de 1990, natural de Oliveira de Azeméis. Licenciada em Economia pela Faculdade de Economia do Porto em 2012.

Após conclusão da licenciatura, ainda no ano de 2012, iniciou a frequência do Mestrado em Economia. No ano seguinte concluiu a componente lectiva do mestrado, encontrando-se neste momento a apresentar a sua dissertação, sobre os efeitos do Investimento Direto Estrangeiro nos países de origem do investimento, para obter o grau de Mestre.

## **Agradecimentos**

Quero deixar um agradecimento a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

De forma especial à Professora Ana Teresa Tavares Lehmann por ter aceite me orientar, pelo alento determinante que sempre me transmitiu, sem si isto não teria sido possível. Obrigada.

À Professora Aurora Teixeira, quero agradecer o tempo despendido e a partilha de conhecimentos que sem dúvida enriqueceram esta dissertação.

À Professora Joana Resende, que me acompanhou numa fase inicial da dissertação na unidade curricular Plano de Dissertação, obrigada pelos comentários construtivos.

Aos meus pais, que tornaram todo o meu percurso académico possível até hoje.

À Rita Duarte e ao Paulo Faria, porque sei que nunca deixaram de acreditar.

Ao meu afilhado, Martinho, por ser uma pequena, grande fonte de inspiração em momentos menos prósperos.

E de uma forma geral, à família e amigos por me encorajarem sempre.

## **Resumo**

As empresas multinacionais e a globalização das suas atividades constituem temas de inegável relevância económica. Em particular, os fluxos crescentes de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) têm merecido atenção acrescida, na vertente científica e de política pública.

Um tema deveras investigado é o do impacto do IDE. Contudo, a literatura neste âmbito tem-se focado no impacto do IDE no país recetor. O impacto no país emissor tem sido objeto de investigação mais escassa e mais recente. No entanto, têm-se gradualmente vindo a publicar mais trabalhos nesta vertente, e cada vez mais diversificados em termos de áreas de impacto. Em todo o caso, a literatura é dispersa e não existe, no nosso conhecimento, uma sistematização da mesma. É essa lacuna que esta dissertação pretende preencher, constituindo, assim, um contributo tangível para o estado da arte da discussão dos impactos do IDE no país de origem.

Será realizada uma análise o mais exaustiva possível da literatura pertinente, confrontando estudos empíricos e respetivos resultados ao nível de diversas variáveis (emprego, output doméstico, produtividade, investimento doméstico, exportações/comércio internacional, inovação).

O recurso a técnicas bibliométricas traz uma nova dinâmica e profundidade à revisão de literatura tornando possível a recolha e a classificação, segundo um conjunto de critérios, de um número considerável de artigos existentes sobre a temática e, assim, permitindo extrair algumas conclusões. Dos resultados da classificação é de destacar que não existe, em geral, um número significativo de artigos cujos os resultados tenham obtido somente efeitos negativos. No entanto, há a necessidade de um estudo específico para cada país de forma a constituir uma base de formulação de políticas que permita que as políticas públicas implementadas sejam as mais adequadas e ampliem os efeitos positivos do IDE no exterior.

Códigos JEL: C89, F21

Palavras-chave: Investimento Direto Estrangeiro (IDE), país de origem, efeitos, impacto, bibliometria.

## **Abstract**

Multinational enterprises and their globalization are topics of undeniable economic importance. In particular, the increasing flows of Foreign Direct Investment (FDI) have received a growing deal of attention, in the academic literature and regarding public policy. A topic frequently investigated is the impact of FDI. However, the literature in this area has focused on the impact of inward FDI in the host country. The impact of outward FDI in the home country has been the subject of little research and only most recently. However, there has gradually been more research about this theme, with an increased diversity in terms of the impact areas. In any case, the literature is scattered and, to the best of our knowledge, a systematization of this literature does not exist. It is this gap that this dissertation aims to fill, thus constituting a significant contribution for the state of the art of the discussion of the impacts of outward FDI in the home country.

An exhaustive analysis will be performed, comparing comparing a variety of studies and their results on variables (employment, domestic output, productivity, domestic investment, exports/international trade, innovation).

The application of bibliometric techniques brings a new dynamic and an increased depth and rigor to the literature review making it possible to extract well grounded conclusions based on a considerable number of existing articles.

The results of our classification highlight that does not exist, in general, a substantial number of articles whose results have obtained only negative effects. However, there is a need for a specific study for each country in order to design the most appropriate public policies, so that the policies implemented may amplify the positive effects of outward FDI.

JEL Codes: C89, F21

Keywords: Outward Foreign Direct Investment (OFDI), home-country, effects, impact, bibliometric methodologies.

# Índice

<b>Agradecimentos.....</b>	<b>ii</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>iii</b>
<b>Índice.....</b>	<b>v</b>
<b>Índice de figuras.....</b>	<b>vi</b>
<b>Índice de tabelas.....</b>	<b>vii</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>1. Revisão de literatura.....</b>	<b>4</b>
1.1. Emprego.....	5
1.2. Output Doméstico e Crescimento Económico.....	10
1.3. Produtividade.....	12
1.4. Comércio internacional/Exportações.....	16
1.5. Investimento doméstico .....	21
1.6. Investigação e Desenvolvimento (I&D) .....	23
1.7. Outras áreas de impacto.....	25
<b>2. Metodologia .....</b>	<b>27</b>
<b>3. Aplicação das técnicas bibliométricas.....</b>	<b>29</b>
3.1. Análise geral .....	33
3.2. Classificação e respectivos resultados .....	38
<b>4. Conclusão.....</b>	<b>49</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>51</b>

## Índice de figuras

Figura 1 - Esquema do processamento dos resultados.....	32
Figura 2 - Cronologia dos artigos obtidos (nº de artigos por ano).....	33
Figura 3 - Revistas científicas (nº de artigos por revista) .....	35
Figura 4 - Natureza dos artigos .....	39
Figura 5 - Unidades de análise.....	40
Figura 6 - Método .....	41
Figura 7 - Subcategoria do método/modelo.....	41
Figura 8 - <i>Proxies</i> para a variável independente.....	42
Figura 9 - Repartição da <i>proxy dummy</i> .....	43
Figura 10 - Repartição da <i>proxy IDE</i> .....	43
Figura 11 - <i>Proxies</i> para os efeitos .....	45
Figura 12 - Resultados obtidos por área de impacto.....	46

## **Índice de tabelas**

Tabela 1 - Efeitos no emprego doméstico.....	8
Tabela 2 - Efeitos no output doméstico e no crescimento económico.....	11
Tabela 3 - Efeitos na produtividade doméstica.....	15
Tabela 4 - Efeitos no Comércio Internacional .....	19
Tabela 5 - Efeitos no investimento doméstico .....	22
Tabela 6 - Efeitos na Investigação e Desenvolvimento (I&D) .....	24
Tabela 7 - Evolução do nº de artigos .....	32
Tabela 8 - Artigos mais citados .....	36



## Introdução

O Investimento Direto Estrangeiro (IDE) tem potencialmente grande importância nas economias, sendo argumentado que promove o desenvolvimento e o crescimento económicos, contribui para o avanço tecnológico, assim como impulsiona o aumento da competitividade dos países (Blomstrom e Kokko, 1998; OCDE, 2008; Caves, 1974).

Os países competem agressivamente para atrair IDE, havendo um relativo consenso que o seu impacto tende a ser positivo, isto é, que os seus benefícios tendem a suplantam os custos e impactos negativos associados (UNCTAD, 2003).

No entanto, o relativo consenso quanto ao suposto impacto positivo do IDE no exterior (“*outward*”) não tem existido. O debate sobre a possível exportação de emprego e o impacto no investimento doméstico tem causado alguma reserva e ceticismo quanto aos efeitos do IDE no exterior na economia de origem (Debaere, Lee e Lee, 2010). Contudo, mais recentemente, tem-se afirmado uma expectativa mais positiva sobre o impacto deste investimento (Mariotti, Mutinelli e Piscitello, 2003; Castellani, Mariotti e Piscitello, 2008; Federico e Minerva, 2008).

Autores como Imbriani, Pittiglio e Reganati (2011) e Lee (2010) referem que a literatura relacionada com a receção de IDE (“*inward*”) já se encontra bastante explorada, e que por sua vez a literatura sobre o IDE no exterior (“*outward*”) tem aumentado. Hsu, Gao, Zhang e Lin (2011) referem inclusivamente que

*“Inward FDI is, however, only half of the story”.*

Em diversos países houve um processo de mudança, de acordo com o qual começaram por ser países recetores de IDE e, posteriormente, tornaram-se, em distintos graus, países emissores.

Dunning e Narula (1996), na teoria conhecida como “*Investment Development Path*” falam em cinco fases no desenvolvimento do investimento, numa primeira fase as vantagens de competitividade são insuficientes para atrair o IDE, e o IDE recebido é reduzido, nas fases seguintes o IDE recebido aumenta, sendo a receção de IDE superior

ao IDE que é realizado no exterior. Numa quarta fase, eventualmente, o IDE para o exterior supera aquele que é recebido na economia.

Com o aumento da importância das empresas multinacionais na economia, a internacionalização das suas atividades, assim como o aumento dos fluxos de IDE no exterior por parte de economias emergentes (e consequentemente, o aumento do número de países emissores) o IDE no exterior tem vindo a assumir um interesse crescente (Cuyvers e Soeng, 2011).

Este interesse nos efeitos do IDE no exterior recai sobre diversas variáveis, como o emprego (uma das áreas principais, e onde se manifesta maior cepticismo sobre a possível perda de emprego na economia doméstica, “*exporting jobs*”), assim como o investimento doméstico, a produtividade, a inovação, o comércio internacional (exportações/importações), entre outras. Para potenciar os resultados da presente revisão bibliográfica pretende-se fazer uma subdivisão por áreas de impacto. Áreas de impacto onde o IDE no exterior possa ter efeitos na economia doméstica, tais como o emprego, o output doméstico, o crescimento económico, a produtividade, o comércio internacional/as exportações, o investimento doméstico e a investigação e desenvolvimento serão alvo de estudo específico.

A presente dissertação pretende responder às seguintes questões de investigação:

- I. Qual o impacto do Investimento Direto Estrangeiro no exterior no país de origem do investimento, no que concerne a diferentes áreas de impacto?
- II. Que medidas de política podem ser pertinentes para complementar/ampliar os efeitos positivos do Investimento Direto Estrangeiro no exterior na economia de origem?

Desta forma, os objetivos da presente dissertação são os seguintes: apresentar a relevante base teórica que viabilizará esta investigação; realizar uma análise da literatura abrangente e exaustiva sobre o impacto do IDE no exterior no país de origem (como ainda, de acordo com o nosso melhor conhecimento, não existe nenhuma até ao momento); tal incluirá confrontar estudos empíricos e respetivos resultados no que

concerne às diversas áreas de impacto e a aplicação de técnicas bibliométricas; formular algumas proposições ou hipóteses testáveis para posteriores estudos empíricos (esta dissertação não podia realizar um estudo empírico de raiz, dada a indisponibilidade de dados secundários e a inviabilidade de obter dados primários sobre esta matéria no tempo disponível).

Esta dissertação encontra-se organizada da seguinte forma. No capítulo 1 é feita uma revisão de literatura exaustiva que se encontra subdividida pelas diferentes áreas de impacto. O capítulo seguinte (2) aborda a metodologia, focando as técnicas bibliométricas que são aplicadas. No quarto e último capítulo são explicados os procedimentos das técnicas bibliométricas que foram aplicados, assim como todos os resultados obtidos. Num último ponto são apresentadas as conclusões gerais desta dissertação e propostas algumas medidas de política pública que podem ser implementadas para ampliar os efeitos do IDE no exterior na economia doméstica.

## 1. Revisão de literatura

Como referido no ponto anterior, o tema da dissertação concentra-se no impacto do Investimento Direto Estrangeiro no exterior no país de origem. Assim sendo, e uma vez que IDE pode ser considerado o principal conceito-chave, é importante apresentar uma definição de IDE. Segundo a OCDE (2008, p. 234), o IDE pode ser definido como:

*“Foreign direct investment (FDI) is a category of investment that reflects the objective of establishing a lasting interest by a resident enterprise in one economy (direct investor) in an enterprise (direct investment enterprise) that is resident in an economy other than that of the direct investor. The lasting interest implies the existence of a long-term relationship between the direct investor and the direct investment enterprise and a significant degree of influence on the management of the enterprise. The direct or indirect ownership of 10% or more of the voting power of an enterprise resident in one economy by an investor resident in another economy is evidence of such a relationship. (...)”.*

No que concerne ao tema central desta dissertação, o impacto no país de origem do IDE emitido, foi feito um levantamento exaustivo de estudos já existentes sobre a temática para consolidar a presente revisão de literatura. Os estudos encontrados e que são abordados na revisão de literatura são, na sua maioria, estudos deveras recentes, o que confirma que estamos perante uma área emergente, mas de relevância exponencialmente crescente.

Tal como foi dito anteriormente, a análise dos resultados dos estudos analisados será feita por áreas de impacto, por forma a tornar mais eficaz a organização dos argumentos, e melhor entendida cada área de impacto em si.

## 1.1. Emprego

A primeira área de impacto aborda o emprego, uma vez que esta pode ser considerada uma das variáveis mais estudadas no que aos efeitos do IDE no exterior diz respeito. Uma das principais preocupações dos investigadores da área e, essencialmente, dos decisores de política, são os impactos sobre o emprego doméstico.

Existe uma grande preocupação que a deslocalização das produções através do IDE no exterior seja conducente a uma diminuição do emprego na economia de origem (economia doméstica) pois um dos possíveis objetivos das empresas com o IDE no exterior será a obtenção de menores custos de trabalho. Este argumento tem muitas vezes sido sintetizado na expressão de “exportação de empregos” (“*exporting jobs*”) (Harrison e McMillan, 2006; Debaere *et al.*, 2010; Brainard e Riker, 1997).

No entanto, são diversos os estudos recentes que apontam para a rejeição do receio das perdas no emprego doméstico como é o caso de Imbriani *et al.* (2011) e Masso, Varblane e Vahter (2008).

As conclusões retiradas de um considerável número de estudos recentes têm, no geral, resultados que se podem considerar positivos pois concluem que não há significativas perdas de emprego, existindo até um possível crescimento do emprego. O estudo de Castellani *et al.* (2008) é exemplo disso, pois encontra resultados que sugerem que há persistência nos níveis de emprego e não há perdas de emprego significativas nas empresas que investem no exterior relativamente às empresas nacionais. Portanto, quando o emprego diminui em empresas que abrem novas instalações essa diminuição não é maior do que tem sido em empresas que não investem no exterior, referindo ainda um ligeiro aumento no emprego, quando o objetivo das empresas é alcançar mercados maiores.

Imbriani *et al.* (2011) também chegaram a efeitos positivos para o emprego doméstico no caso do setor industrial, embora nos serviços os efeitos encontrados tenham sido negativos (principalmente dois anos após o investimento realizado).

As conclusões do estudo de Masso *et al.* (2008) indicam uma possível relação positiva entre o IDE no exterior e o crescimento do emprego doméstico na Estónia, uma vez que a saída de investimento esteve positivamente relacionada com o crescimento do emprego no país de origem. No entanto, justificam que a curto prazo, na indústria, a

deslocalização para o exterior pode levar a uma diminuição do emprego doméstico caso essas atividades fossem realizadas internamente. Por sua vez, no longo prazo, o efeito positivo pode dever-se ao aumento da competitividade do investidor.

Também Federico e Minerva (2008) dizem que o IDE aparenta ter um efeito positivo significativo no emprego local, sugerindo que as zonas em que as empresas mais investem no exterior têm apresentado melhores desempenhos no emprego, ou seja, evidenciam um crescimento do emprego mais forte do que a média da indústria. Mesmo para empresas de pequena dimensão que não se encontram diretamente envolvidas nas atividades externas, não parecem haver repercussões negativas nos seus níveis de emprego originadas pelo IDE para o exterior gerado na sua área local ou na sua indústria.

Essencialmente, os autores não encontraram provas que sugiram um impacto negativo do IDE no exterior no emprego do país de origem, referindo que este impacto pode mesmo ser positivo.

No entanto, não se pode negar que existem também estudos empíricos que chegam a conclusões menos favoráveis sobre os efeitos do IDE no exterior. Exemplo disso é o estudo de Onaran (2012), em que o autor pretendia analisar os efeitos do IDE no exterior no emprego e nos salários da Áustria. Os resultados obtidos neste estudo evidenciam efeitos negativos quer no emprego, quer nos salários, acrescentando que estes resultados não estão limitados a trabalhadores dos setores pouco qualificados. Este efeito negativo deve-se principalmente ao aumento de emprego nas filiais estrangeiras na Europa Oriental. Contudo, o emprego nas filiais estrangeiras da Europa Oriental têm efeitos positivos nos salários do setor dos serviços, devido a efeitos de gama e de “*skill-upgrading*”.

Outros estudos chegam a resultados que diferem consoante o desenvolvimento ou o nível dos salários do país de destino do investimento, como o de Mariotti *et al.* (2003), Debaere *et al.* (2010) e Cuyers e Soeng (2011).

Mariotti *et al.* (2003) encontram diferenças entre o nível de desenvolvimento do país que recebe o IDE italiano, isto é, quando o investimento é direcionado a países desenvolvidos existe um impacto significativo e positivo na variação da intensidade de trabalho. Por sua vez, investimentos para países menos desenvolvidos geram um impacto significativamente negativo. Da mesma forma, Debaere *et al.* (2010)

apresentam resultados menos favoráveis, concluindo que empresas que investem em países menos desenvolvidos têm um preço no curto prazo no que diz respeito ao crescimento do emprego, por contraponto às empresas que investem em países mais desenvolvidos que maioritariamente não apresentam um impacto significativo. Referem ainda no seu estudo que os seus resultados corroboram as preocupações sobre as multinacionais apenas no curto prazo e para os investimentos destinados a países menos desenvolvidos.

Na mesma linha, Driffield, Love e Taylor (2009) concluem que o IDE do Reino Unido no exterior para locais com baixos custos reduz significativamente a procura por mão de obra não qualificada na economia doméstica, e em certa medida para a qualificada também. Segundo os autores, a única forma de haver um aumento da procura de trabalho é o efeito sobre a mão de obra qualificada num setor em que o Reino Unido tenha uma vantagem tecnológica inequívoca. Os resultados indicam que os efeitos sobre os trabalhadores não qualificados se devem essencialmente a uma questão de custo, enquanto para os trabalhadores qualificados é essencialmente uma questão de tecnologia.

Foram encontrados resultados que diferem em função do nível de salários no país anfitrião por Cuyvers e Soeng (2011), encontrando um efeito positivo no emprego doméstico quando o IDE das multinacionais belgas é direcionado para países europeus com salários mais elevados, isto dizem, porque estas empresas tendem a empregar mais trabalhadores no país de origem reflexo das necessidades de serviços de gestão e supervisão das filiais a partir da empresa mãe. No caso do investimento para países com salários mais baixos não há uma evidência de reafetação do emprego.

Os resultados de uma diversidade de estudos realizados para a problemática do impacto do IDE no exterior no emprego doméstico, incluindo os supracitados, apontam maioritariamente para resultados positivos. Ou seja, vêm contrariar o ceticismo inicial que existia quanto às possíveis perdas no emprego interno. É feita uma síntese dos resultados encontrados nos diversos estudos para o emprego doméstico na tabela 1 que se segue.

**Tabela 1 - Efeitos no emprego doméstico**

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Amostra</b>	<b>Tipo de dados</b>	<b>Efeitos encontrados</b>
<b>Cuyers e Soeng</b>	2011	254 empresas-mãe belgas com 548 filiais estrangeiras em outros países europeus com baixos salários e outros com salários altos 1999-2007	Painel	(+) quando investimento é para outros países europeus com salários elevados
<b>Mariotti, Mutinelli e Piscitello</b>	2003	9 sectores industriais, 20 regiões administrativas (180 indústrias regionais) 1985-1995	Painel	(+) quando investimento é direccionado para países desenvolvidos (-) quando investimento é direccionado para países menos desenvolvidos
<b>Federico e Minerva</b>	2008	103 províncias administrativas, 12 indústrias transformadoras 1996 e 2001	Painel	(+)
<b>Imbriani, Pittiglio e Reganati</b>	2011	1 658 <i>switching firms</i> <sup>1</sup> (sector dos serviços e indústria) 2003-2006	Painel	(+) no setor industrial (-) no setor dos serviços
<b>Castellani, Mariotti e Piscitello</b>	2008	108 empresas industriais italianas que se tornaram multinacionais no período de 1998-2004 e 2500 empresas que permaneceram nacionais 1998-2004	Painel	(+)
<b>Masso, Verblane e Vahter</b>	2008	Empresas da Estónia (até 41 mil por ano, incluindo o sector primário, indústria, construção e serviços) 1995-2002	Painel	(+)
<b>Onaran</b>	2012	Subsectores dos sectores da indústria e dos serviços 1996-2005	Painel	(-)

<sup>1</sup> *Switching firms* são definidas pelos autores como empresas que passaram de ser nacionais a multinacionais, ou seja, abriram a sua primeira filial no estrangeiro no período observado (p. 374).



<b>Debaere, Lee e Lee</b>	2010	526 multinacionais 1980-1996	Painel	(-) quando investimento é para países menos desenvolvidos (0) quando investimento é para países mais avançados
<b>Driffield, Love e Taylor</b>	2009	13 países, 11 sectores industriais 1987-1996	Painel	(-)

## 1.2. Output Doméstico e Crescimento Económico

Uma das áreas de impacto é o output doméstico, que tem sido alvo de um amplo debate público uma vez que se argumenta que o Investimento Direto Estrangeiro no Exterior pode levar a uma deslocalização da produção das empresas multinacionais diminuindo assim produção doméstica (Herzer, 2008; Braunerhjelm, Oxelheim e Thulin, 2005; Goedegebuure, 2006; Herzer e Schrooten, 2008).

Por outro lado, argumenta-se que as empresas aproveitam as suas produções no exterior para diminuir alguns custos de produção de forma a combinar a sua produção doméstica com a externa e assim aumentar a sua competitividade no mercado nacional e internacional (Herzer, 2008). Posto isto, são diversos os estudos empíricos levados a cabo para investigar os efeitos do IDE no exterior no output do país de origem do investimento.

Herzer é um dos autores que mais tem estudado o impacto do IDE no exterior no output doméstico do país de origem do investimento. Em vários dos seus estudos Herzer (2008), Herzer (2011a), Herzer (2012) chega sempre aos mesmos resultados, que apontam para um efeito positivo do IDE no exterior sobre o output doméstico no longo prazo. Sendo que os resultados em Herzer (2011a) dizem respeito a países em vias de desenvolvimento. Em Herzer (2008), o autor conclui que o IDE no exterior é causa e consequência do aumento do output interno. A resultados semelhantes chegou o estudo de Chen e Zulkifli (2012) para a economia da Malásia.

Lee (2010) afirma que o IDE no exterior tem efeitos positivos no PIB *per capita*, mas refere que também é apenas no longo prazo, tendo em consideração que as atividades relacionadas com o investimento no exterior beneficiam a economia emissora (neste caso, o Japão). No entanto, o autor contrasta um resultado com Herzer (2008) e Chen e Zulkifli (2012), dizendo que o aumento do IDE no exterior é apenas uma causa do aumento do rendimento, e não causa e efeito como afirma o outro autor.

No caso do crescimento económico, Herzer (2010) conclui que os efeitos do IDE no exterior são favoráveis ao crescimento. Também afirma que os resultados sugerem que as empresas investem no exterior de forma a combinar produção interna com produção externa e dessa forma reduzir custos e aumentar a sua competitividade a nível internacional e no mercado interno, beneficiando assim toda a economia nacional

devido ao aumento de empresas investidoras, e das potenciais repercussões de ganhos de produtividade nas empresas locais.

Chen e Zulkifli (2012) também analisaram a relação entre o Investimento Direto Estrangeiro da Malásia e os seus efeitos no crescimento económico, concluindo que a saída de IDE afecta de forma significativa e positiva o PIB da Malásia no longo prazo. Para além da relação de causalidade a longo prazo ser bidirecional, ou seja, o IDE para o exterior beneficia a economia da Malásia como um todo, aumenta o PIB, que por sua vez irá aumentar o IDE para o exterior, na forma de transferências de conhecimento e tecnologias entre as multinacionais e as empresas locais.

A tabela 2 permite concluir que com base nos artigos abordados nesta seção, para o output doméstico e o crescimento doméstico, os efeitos encontrados são sempre positivos mas dizem essencialmente respeito ao longo prazo.

**Tabela 2 - Efeitos no output doméstico e no crescimento económico**

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Amostra</b>	<b>Tipo de dados</b>	<b>Efeitos encontrados</b>
<b>Herzer</b>	2008	14 países industrializados 1971-2005	Painel	(+) no longo prazo
<b>Herzer</b>	2011	43 países em desenvolvimentos 1981-2008	Painel	(+) no longo prazo
<b>Herzer</b>	2012	Alemanha 1980-2008	<i>Time-series</i>	(+) no longo prazo
<b>Chen e Zulkifli</b>	2012	Malásia 1980-2010	<i>Time-series</i>	(+) no longo prazo
<b>Lee</b>	2010	Japão 1977-2006	<i>Time-series</i>	(+) no longo prazo
<b>Herzer</b>	2010	50 países 1980-2000  E.U.A. 1980-2004	<i>Time-series</i>	(+)

### 1.3. Produtividade

A produtividade também é uma das variáveis mais investigadas quando estudados os efeitos do Investimento Direto Estrangeiro no exterior, sendo importante perceber se as empresas conseguem melhorias na produtividade e na eficiência internas, e consequentemente aumentar a sua competitividade.

Na maioria dos estudos os resultados obtidos são positivos, vejamos Yang, Chen e Huang (2013) em que os resultados sugerem que avanços tecnológicos e de eficiência técnica das empresas taiwanesas estão positivamente correlacionados com a sua atividade de investimento no exterior. Existe uma melhoria na competitividade das empresas depois de investirem no exterior, sendo o principal objetivo desses investimentos conseguir custos de trabalho mais baixos no país de acolhimento.

Outro exemplo é o estudo de Herzer (2011b) para países em vias de desenvolvimento. Os resultados obtidos indicam que o IDE no exterior tem, em média, um efeito positivo a longo prazo na produtividade total dos factores doméstica. Isto acontece para a amostra de países como um todo. Contudo, o autor ressalva que estes resultados não implicam que os efeitos sejam positivos para cada país individualmente. Para alguns casos, o efeito de longo prazo na produtividade total dos factores até é negativo (exemplo da Coreia do Sul).

O autor refere ainda que se pode concluir que os países em vias de desenvolvimento tendem a beneficiar do IDE no exterior, devido a um aumento da produtividade das empresas que investem, assim como de *spillovers* de produtividade associados às empresas locais. Conclui, também, que o aumento da produtividade total dos factores é causa e consequência do aumento do IDE no exterior.

Vahter e Masso (2005) também obtêm resultados que mostram que o IDE no exterior está positivamente relacionado com a produtividade da empresa. No entanto, acrescentam que parece existir um efeito de auto-seleção significativo no sentido em que as empresas com maior produtividade atraem IDE ou estão mais propensas ao Investimento Direto Estrangeiro no exterior, isto é, as empresas com maior produtividade tendem a estar envolvidas no IDE no exterior, enquanto as que têm menor produtividade pendem a permanecer no país de origem.

Num estudo com dados italianos, também foram encontrados efeitos positivos do Investimento Direto Estrangeiro na produtividade total dos factores no país de origem para o setor industrial (Imbriani *et al.*, 2011).

No caso do IDE chinês no exterior, apesar de se encontrar numa fase inicial e ser difícil encontrar estimativas precisas, Zhao, Liu e Zhao (2010) na sua investigação sobre o contributo do IDE no exterior para alterações na produtividade no período de 1991 a 2007 encontram dados que sugerem que o IDE no exterior é muito benéfico para ganhos na produtividade, especialmente mudanças na eficiência.

Autores como Hsu *et al.* (2011) obtêm conclusões diferentes conforme o país de destino do investimento, isto é, o IDE de Taiwan no exterior aumenta a produtividade, mas se o país anfitrião do IDE for a China já não existem efeitos positivos na produtividade das empresas de Taiwan. Concluem ainda que as empresas mais orientadas para a exportação retiram mais benefícios do IDE no exterior do que as empresas que se encontram mais direccionadas para o mercado doméstico.

No trabalho de Driffield *et al.* (2009), os autores deparam-se com resultados em que parece não haver nenhum efeito significativo do IDE do Reino Unido no exterior na sua produtividade doméstica. Contudo, com a distinção entre os diferentes tipos de IDE, os resultados já apresentam alguma evidência de que o IDE do Reino Unido para abastecimento de tecnologia, para locais com custos elevados (intensivos em Investigação e Desenvolvimento) gera um aumento da produtividade doméstica (no Reino Unido). O IDE do Reino Unido no exterior para locais de baixo custo, segundo Driffield *et al.* (2009), também pode levar ao aumento da produtividade doméstica. Neste caso, os autores argumentam que o mais provável é que esse resultado se deva à transferência de atividades de baixo valor acrescentado para outras regiões.

O impacto pode também depender do horizonte temporal. Caso em que no longo prazo existe um impacto positivo na produtividade total dos fatores, embora no curto prazo os efeitos sejam estatisticamente insignificativos, o que Herzer (2012) justifica como sendo resultado de um equilíbrio entre efeitos negativos e efeitos positivos no curto prazo. As empresas que investem no exterior procuram combinar produção interna com produção estrangeira de forma a diminuir os custos e aumentar a competitividade tanto a nível internacional como no mercado interno. Este processo traz benefícios à

economia nacional no seu conjunto, devido ao aumento da produtividade das empresas que investem e as repercussões de produtividade nas empresas locais.

Numa análise à produtividade das empresas de capital nacional (tanto as que são direcionadas para o mercado doméstico, como das que servem mercados externos por via de exportações e, ainda, das que estão orientadas para os mercados externos através da saída de IDE), Foster-McGregor, Isakssonb e Kaulich (2014) retiraram diferentes conclusões para as empresas de serviços e para as empresas industriais.

Nos serviços, os resultados apontam que as empresas direcionadas para o mercado interno apresentam menor produtividade relativamente às empresas exportadoras e às empresas que realizam IDE, não havendo diferença significativa entre as duas últimas. No caso das empresas industriais, as empresas orientadas para os mercados externos que investem no exterior têm melhor desempenho, seguidas pelas empresas direcionadas para os mercados externos por via de exportações e, por último, as empresas orientadas para a economia doméstica.

Os resultados obtidos parecem, no geral, positivos, o que leva a acreditar que o IDE no exterior pode ter benefícios para a produtividade/eficiência de um setor de empresas ou para a economia como um todo. Contudo, os efeitos positivos podem depender de alguns fatores (horizonte temporal, país de acolhimento) o que leva a crer que é necessária atenção política para que, sempre que possível, sejam tomadas medidas que minimizem os efeitos negativos e ampliem os efeitos positivos.

É possível ver os efeitos obtidos nos trabalhos supracitados de uma forma geral e sintética na tabela que se segue (Tabela 3).

**Tabela 3 - Efeitos na produtividade doméstica**

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Amostra</b>	<b>Tipo de dados</b>	<b>Efeitos encontrados</b>
<b>Yang, Chen e Huang</b>	2013	13 059 empresas (que nunca tinham investido no exterior antes de 1992, sector industrial) 1987-2000	Painel	(+)
<b>Herzer</b>	2011	33 países em desenvolvimento 1980-2005	Painel	(+) no longo prazo
<b>Vahter e Masso</b>	2005	Empresas da Estónia (até 41 mil por ano) 1995-2002	Painel	(+)
<b>Imbriani, Pittiglio e Reganati</b>	2011	1 658 <i>switching firms</i> <sup>2</sup> (sector dos serviços e indústria) 2003-2006	Painel	(+) na PTF para o setor industrial
<b>Zhao, Liu e Zhao</b>	2010	China e 8 países desenvolvidos (principais destinos do investimento chinês) 1991-2007	Painel	(+)
<b>Hsu, Gao, Zhang e Lin</b>	2011	15 indústrias transformadoras 1991-2007	Painel	(-) quando investimento é direcionado para a China (+) quando investimento é direcionado para outros países
<b>Driffield, Love e Taylor</b>	2009	13 países, 11 sectores industriais 1987-1996	Painel	(+)
<b>Herzer</b>	2012	Alemanha 1980-2008	<i>Time-series</i>	(+) na PTF no longo prazo (0) na PTF no curto prazo
<b>Foster-McGregor, Isaksson e Kaulich</b>	2014	3254 empresas nacionais ( <i>domestically owned firms</i> ), 1817 empresas industriais e 1437 empresas de serviços 2010/2011	<i>Cross-section</i>	(+)

<sup>2</sup> *Switching firms* são definidas pelos autores como empresas que passaram de ser nacionais a multinacionais, ou seja, abriram a sua primeira filial no estrangeiro no período observado (p. 374).

#### 1.4. Comércio internacional/Exportações

Com o aumento do número de empresas multinacionais e, de forma mais geral, um elevado número de empresas a internacionalizarem as suas atividades, surge o receio de haver uma substituição entre o IDE no exterior e as exportações do país de origem do investimento. Existe uma vasta literatura conceptual e empírica sobre a complementaridade/substituibilidade entre o IDE e as exportações.<sup>3</sup>

No entanto, existem também outras justificações para aquilo que acontece com as exportações domésticas que aparentam não ser tão negativas ou até mesmo terem aspectos positivos. Veja-se um estudo “clássico” acerca deste tema, Blomstrom e Kokko (1994), em que os autores concluem, depois de resumirem algumas pesquisas, que o efeito líquido (“*net effect*”) do IDE nas exportações domésticas aparenta ser de complementaridade. Isto porque, embora a produção estrangeira substitua algumas exportações domésticas de produtos acabados, pode haver vantagens, como a proximidade do mercado (que permite às filiais estrangeiras capturar uma maior quota de mercado do que aquela que a empresa doméstica exportadora conseguiria), assim como um aumento das exportações de produtos intermédios que permita compensar as exportações perdidas de produtos acabados.

Uma relação de complementaridade foi encontrada por Alguacil e Orts (2002) entre o IDE de Espanha no exterior e as exportações domésticas. O impacto de uma alteração no IDE no exterior é negativo no curto prazo no entanto, no longo prazo a relação causal positiva (do IDE no exterior para as exportações) mais do que compensa o efeito negativo inicial. Estes autores acrescentam, nas suas conclusões, que (p.130):

*“(...)the complementarity between outward FDI and exports makes it difficult to believe in negative impacts of these investment projects over the domestic production activity, employment level and/or the quality of jobs.”*

---

<sup>3</sup> Esta literatura encontra-se maioritariamente centrada do lado do “*inward*”, ou seja, efeitos nos países de destino (Goh, Wong e Tham, 2013; Zhan e Song, 2000; Liu, Wang e Wei, 2001; Lin e Lin, 2010). No entanto para o presente trabalho apenas será analisada literatura do lado do “*outward*”, ou seja, com referências aos efeitos nas exportações da economia de origem.



A relação de complementaridade pode depender dos países. Em Kang (2012), num estudo sobre a Coreia do Sul, os resultados indicam que as saídas de IDE complementam o comércio somente com países em vias de desenvolvimento, não tendo esse efeito no comércio com os países desenvolvidos. O autor conclui (p.152):

*“It is, therefore, inappropriate to assume that FDI flows to different categories of countries have the same effect on trade. As a consequence, policy recommendations should be different.”.*

Para o caso concreto de Portugal, Fonseca, Mendonça, e Passos (2010) concluem que o IDE português no exterior está negativamente correlacionado com as exportações, sugerindo um efeito de substituição e, consequentemente, um efeito negativo na balança comercial para a maioria dos países da amostra, em especial um efeito de substituição muito significativo quando o IDE se destina ao Japão e à China. No entanto, existem exceções, nomeadamente, Espanha e Angola, que têm contributos positivos para a balança comercial de Portugal com estes países.

Num estudo sobre os efeitos do IDE no exterior no comércio da Coreia do Sul, Seo e Suh (2006) também encontram um efeito de substituição das exportações em atividades do IDE no exterior coreano. Tal como estes autores, também Head e Ries (2001) abordam na sua investigação o caso dos grandes fabricantes de automóveis como a Toyota, a Nissan e a Honda, percecionando que apresentam substituição líquida entre investimento direto estrangeiro e exportações.

No entanto, o IDE da Coreia do Sul no exterior e o IDE do Japão no exterior não substituem as exportações dos países de origem dos investimentos de acordo com os dados analisados por Kim e Kang (1996). Ellingsen, Likumahuwa e Nunnenkamp (2006), também não encontraram no seu estudo provas de que o IDE de Singapura no exterior tem substituído as exportações, pelo contrário.

Chow (2012) conclui no seu estudo para Taiwan, que o Investimento Direto Estrangeiro no exterior é mais propenso a efeitos de complementaridade do que de substituição nas exportações do país de origem (Taiwan). O IDE no exterior tem um efeito complementar significativo nas exportações do país de origem para os países de acolhimento como um grupo. No entanto, o autor ressalva que a integração gradual das

filiais estrangeiras com as empresas provenientes dos países de acolhimento pode ser prejudicial para o efeito de complementaridade no longo prazo.

O autor retira ainda outra conclusão interessante devido ao efeito significativamente positivo de complementaridade do IDE de Taiwan para a China com as exportações do país de origem do investimento. Uma vez que a maior parcela do IDE de Taiwan para o exterior é para a China, o autor refere que pode implicar que sejam necessárias economias de escala para gerar impacto significativo nas exportações do país de origem.

Resultados considerados positivos são os apresentados por Wong e Goh (2013), num estudo de caso com Singapura, em que os investimentos das empresas sediadas em Singapura controladas localmente, como das empresas que têm controlo estrangeiro, são fundamentais para a promoção do comércio de mercadorias, em especial das exportações. O IDE de Singapura no exterior tende a aumentar a competitividade internacional das exportações através de actividades de “*intrafirm trade*” e “*home sourcing*” o que estimula as exportações de mercadorias. Contudo, não foram encontrados resultados que evidenciem a relação dos investimentos diretos para o exterior e o comércio de serviços.

Em contrapartida, Goh, Wong e Tham (2013) concluem que a relação do IDE da Malásia no exterior com o comércio não é significativa, uma vez que o IDE no exterior não tem impacto significativo sobre as exportações e as importações bilaterais da Malásia. Segundo os autores, este resultado deve-se ao facto do IDE da Malásia no exterior ser demasiado baseado em serviços e é de prever que serviços não transacionáveis tenham efeitos limitados no comércio.

Todas as conclusões retiradas pelos autores supracitados nos seus estudos são de grande relevância, pois caso se tratem de economias com uma dependência considerável do comércio, mais concretamente das exportações, é essencial que se conheçam devidamente as consequências dos investimentos no exterior. Estes efeitos, quando conhecidos, têm importantes implicações políticas quer para uma maior liberalização dos investimentos, quando se entende que estes tendem a ter efeitos positivos na economia doméstica, quer para uma maior restrição nos fluxos de investimentos para o exterior, quando se conclui que estes têm efeitos negativos no país de origem.

Os efeitos no comércio internacional obtidos ainda são bastante heterogéneos, existindo estudos com efeitos positivos, outros com efeitos negativos, assim como alguns que não obtiveram resultados significativos. Os resultados podem ser diferenciados pelos métodos utilizados, pelas amostras, entre outras razões, o que significa que esta área de impacto precisa de continuar a ser bem analisada.

**Tabela 4 - Efeitos no Comércio Internacional**

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Amostra</b>	<b>Tipo de dados</b>	<b>Efeitos encontrados</b>
<b>Blomstrom e Kokko</b>	1994	—	—	(+)
<b>Alguacil e Orts</b>	2002	Espanha 1970.I–1992.III	<i>Time-series</i>	(+)
<b>Kang</b>	2012	Coreia, 12 sectores industriais 1988-2006	Painel	(+) quando investimento é direcionado a países em desenvolvimento
<b>Fonseca, Mendonça e Passos</b>	2010	Portugal e 18 países de acolhimento 1996-2007	Painel	(-)
<b>Seo e Suh</b>	2006	Coreia e ASEAN-4 (países de destino do investimento) 1987-2002	Painel	(-)
<b>Head e Ries</b>	2001	932 empresas industriais japonesas exportadoras 1966-1990	Painel	(-)
<b>Kim e Kang</b>	1996	Coreia do Sul e Japão 1989-1993	<i>Cross-section</i>	(0)
<b>Ellingsen, Likumahuwa e Nunnenkamp</b>	2006	23 economias 1992-2002	Painel	(+) (para o setor industrial num todo, diferem de indústria para indústria)
<b>Chow</b>	2012	Taiwan e 11 países de acolhimento, 15 sectores da indústria transformadora 1989-2006	<i>Time-series</i>	(+)

<b>Wong e Goh</b>	2013	Singapura 1972-2009	<i>Time-series</i>	(+) (na indústria) (0) (nos serviços)
<b>Goh, Wong e Tham</b>	2012	59 países 1991-2009	Painel	(0)

### 1.5. Investimento doméstico

Uma preocupação adicional refere-se ao impacto do Investimento Direto Estrangeiro no exterior no investimento doméstico. Existe o receio de que o IDE no exterior leve a uma diminuição do investimento doméstico, ou que haja, por outras palavras, uma substituição do investimento doméstico por IDE no exterior.

Posto isto, surgiram alguns estudos empíricos com o objetivo de analisar os efeitos no investimento doméstico. Como o caso do trabalho de Herzer e Schrooten (2008) para a Alemanha e os EUA, em que concluem que os efeitos são positivos no longo prazo para os EUA, enquanto na Alemanha os efeitos são positivos apenas no curto prazo, uma vez que no longo prazo o IDE no exterior substitui o investimento doméstico. Os resultados sugerem que os custos com salários elevados tendem a diminuir o investimento doméstico quando o investimento no exterior é elevado.

Onaran, Stockhammer e Zwickl (2013) pretendiam estimar os efeitos do IDE no exterior no investimento das empresas nacionais na Alemanha para os setores da indústria e dos serviços.

Os resultados obtidos pelos autores mostram que, no setor da indústria, quando o IDE alemão é direcionado para países de baixos salários, o investimento doméstico diminui. Quando o investimento é dirigido a países com salários elevados, os efeitos no investimento doméstico são positivos, quer para a indústria quer para os serviços. Isto para países da Europa. Os resultados mostram também que no setor da indústria, o IDE alemão para países com salários elevados fora da Europa aumenta o investimento doméstico.

O efeito do IDE no exterior no investimento doméstico, especificamente na formação bruta de capital fixo doméstico, difere entre as indústrias “*Schumpeterianas*”<sup>4</sup> e as indústrias de tipo “*Heckscher-Ohlin*”<sup>5</sup>. Quanto maior a intensidade de I&D, menos positivo é o efeito do IDE no exterior na formação bruta de capital fixo doméstica (Braunerhjelm, Oxelheim e Thulin, 2005).

---

<sup>4</sup> Indústrias “*Schumpeterianas*” são referidas no artigo como indústrias organizadas horizontalmente e intensivas em I&D.

<sup>5</sup> Indústrias de tipo “*Heckscher-Ohlin*” são definidas pelos autores como indústrias verticalmente integradas, origem das vantagens comparativas de fatores.

**Tabela 5 - Efeitos no investimento doméstico**

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Amostra</b>	<b>Tipo de dados</b>	<b>Efeitos encontrados</b>
<b>Herzer e Schrooten</b>	2008	E.U.A. 1970-2003  Alemanha 1971-2004	<i>Time-series</i>	(+) de curto prazo (Alemanha) (-) de longo prazo (Alemanha) (+) no longo prazo (EUA)
<b>Onaran, Stockkhammer e Zwickl</b>	2013	Alemanha, 19 sectores industriais e 10 de serviços 2002-2006	Painel	(-) quando investimento é direcionado a países de baixos salários (na indústria) (+) quando investimento é direcionado a países com salários elevados (na indústria e nos serviços)
<b>Braunerhjelm, Oxelheim e Thulin</b>	2005	Suécia, Indústrias 1982-2001	Painel	Quanto maior a intensidade de I&D, menos positivo é o efeito

## 1.6. Investigação e Desenvolvimento (I&D)

Em alguns dos estudos já realizados sobre os efeitos do IDE no investimento doméstico, os autores centram o seu estudo de forma específica nas despesas em Investigação e Desenvolvimento, não fossem as despesas em I&D uma das componentes mais importantes do investimento doméstico. Devido à sua importância para o desenvolvimento das empresas, e consequentemente das economias, e dado o número de estudos para esta área de impacto ser considerável, entendeu-se necessário criar esta área de impacto na presente revisão de literatura.

Cheng e Yang (2013) estudaram a relação entre o IDE no exterior e as despesas domésticas em I&D, deparando-se com resultados que mostram que o IDE das empresas de Taiwan tende a estimular as suas despesas domésticas em I&D. Estratégias de IDE no exterior e I&D podem ser vistas como complementares em vez de substitutas. Goedegebuure (2006) conclui, na mesma linha, que a contribuição líquida do IDE no exterior para a economia doméstica, que diz respeito essencialmente ao apoio à I&D domésticos, é positiva.

Numa vertente mais direccionada para as patentes como uma *proxy* para a inovação, o estudo de Chang, Chen e McAleer (2013) chega a uma relação positiva entre o IDE no exterior e as patentes do país doméstico, concluindo que um aumento do IDE no exterior e das exportações podem levar a um aumento na produção de patentes. Estes resultados sugerem que um país que esteja envolvido em IDE no exterior pode conseguir ter acesso a outros conhecimentos, tecnologias e produtos adicionais e importá-los para o país de origem, desenvolver I&D para prosperar o seu nível de tecnologia, e por sua vez requerer uma patente.

A um resultado semelhante chega Huang e Wang (2009), em que o IDE no exterior se apresenta significativamente e positivamente relacionado com o pedido e o licenciamento de patentes na China, apontando para o efeito de “*reverse technology spillover*” do IDE Chinês (no exterior) no país de origem. Resultados indicam ainda que o IDE para o exterior e a intensidade tecnológica se reforçam mutuamente, ou seja, são causa e efeito um do outro.

De uma forma geral, todos os trabalhos abordados nesta área de impacto chegaram a efeitos positivos do IDE para o exterior na Investigação e Desenvolvimento domésticos, veja-se a tabela 6.

**Tabela 6 - Efeitos na Investigação e Desenvolvimento (I&D)**

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Amostra</b>	<b>Tipo de dados</b>	<b>Efeitos encontrados</b>
<b>Chen e Yang</b>	2013	57 470 empresas industriais taiwanesas que não investiam no exterior antes de 1992 1992-1998  56 812 empresas industriais taiwanesas que não investiam no exterior antes de 1999 1999-2005	Painel	(+)
<b>Goedegebuure</b>	2006	Holanda, 23 807 empresas 1996-2000	Painel	(+)
<b>Chang, Chen e McAleer</b>	2013	37 países 1994-2005	Painel	(+)
<b>Huang e Wang</b>	2009	China 1985-2007	<i>Time-series</i>	(+)



## 1.7. Outras áreas de impacto

No decorrer das pesquisas bibliográficas para a presente revisão de literatura foi possível ter acesso a alguns trabalhos que abordam variáveis mais específicas. Por este motivo, julgou-se oportuno criar esta secção (1.7.) abrangendo outras áreas de impacto, no sentido de abordar alguns trabalhos de cariz mais próprio e específico mas que não deixam de ser interessantes de analisar. Podem encontrar-se estudo sobre a desigualdade de rendimentos ou mesmo sobre a qualidade dos produtos domésticos, por exemplo.

De uma forma geral, Fors e Kokko (2001) num estudo sobre os efeitos do IDE no exterior no país de origem relacionados com produção e a mudança estrutural, com dados de multinacionais suecas, concluem que o impacto agregado do IDE no exterior no país de origem pode ter benefícios caso os processos de produção com elevados lucros e externalidades positivas sejam mantidos na economia doméstica. Caso estas operações estejam entre as atividades que são deslocalizadas para as filiais estrangeiras os efeitos tendem a ser menos benéficos, ou até mesmo negativos.

Herzer e Nunnenkamp (2013), analisaram os efeitos do IDE e do IDE no exterior na desigualdade de rendimentos na Europa. Tendo em conta apenas os resultados obtidos para o IDE no exterior, que é o foco desta dissertação, os autores concluíram que o efeito do IDE no exterior na desigualdade de rendimentos no curto prazo é positivo e no longo prazo negativo, ou seja, no curto prazo aumenta a desigualdade e no longo os rendimentos tornam-se menos assimétricos, respetivamente. No longo prazo a relação de causalidade entre o IDE no exterior e a desigualdade de rendimentos é bidirecional, isto é, um aumento do IDE no exterior reduz a desigualdade e, por sua vez, uma desigualdade elevada leva à diminuição do IDE no exterior. Fica no entanto a ressalva de que os efeitos são heterogéneos entre os diversos países da amostra.

Um estudo curioso é o de Weng, Yang e Tu (2010) que analisa a relação entre o IDE no exterior e a qualidade dos produtos nacionais. O “*expansionary FDI*” (ou seja, o IDE nos países avançados, segundo estes autores) tende a ter uma maior probabilidade de melhorar a qualidade dos produtos domésticos enquanto, o impacto do “*defensive*

*FDI*” na probabilidade de melhorar a qualidade dos produtos é limitado.<sup>6</sup> Os autores consideram o resultado “economicamente intuitivo, porque um dos principais objectivos para o “*expansionary FDI*” é a aquisição de tecnologia avançada e conhecimento de gestão dos países desenvolvidos” (p. 406), beneficiando as empresas que investem na melhoria da sua capacidade tecnológica e na qualidade dos seus produtos.

Como é possível verificar, existem diversos estudos recentes, e sobre temáticas menos esperadas, como o estudo supracitado de Weng *et al.* (2010), o que comprova que estamos perante uma área emergente e com crescente importância na investigação.

Terminada uma revisão de literatura tão exaustiva quanto possível (face à novidade do tema e à relativa escassez de estudos, comparada com o impacto *inward* do IDE), segue-se o capítulo onde é explicada a metodologia a utilizar, com base nas técnicas bibliométricas.

---

<sup>6</sup> Os autores explicam que “*FDI can be roughly separated into two categories, expansionary and defensive (Chen and Yang 1999; Chen and Ku 2000). Defensive FDI, called labor-oriented FDI by Kojima (1973), seeks cheap labor in the host country to reduce the cost of production, while expansionary FDI, what Kojima (1973) called market-oriented FDI, refers to investment toward those countries with a higher per capita GNP than that of the host country.*” (Weng *et al.*, 2010, p. 397).

## 2. Metodologia

Com o objetivo de acrescentar valor à revisão de literatura, tornando-a mais rigorosa, sistemática e dinâmica, decidiu-se recorrer a métodos bibliométricos por forma a obter resultados de ordem mais quantitativa e que tragam uma maior profundidade e cientificidade à dissertação. Assim, será possível extrair conclusões que não seriam possíveis com a simples análise descritiva dos diversos estudos, tal como a apresentação de análises gráficas que não seria possível, de outro modo, realizar para uma quantidade relevante de artigos, nem apenas com abordagem concetual/descritiva dos mesmos. A aplicação destas técnicas faz desta abordagem uma abordagem inovadora como não existe nenhuma até ao momento, de acordo com o nosso melhor conhecimento.

Segundo a OCDE (2002, p. 204),

*“Bibliometric analysis uses data on numbers and authors of scientific publications and on articles and the citations therein (as well as the citations in patents) to measure the “output” of individuals/research teams, institutions, and countries, to identify national and international networks, and to map the development of new (multidisciplinary) fields of science and technology”.*

Por sua vez, Pritchard (1969) (cfr Lievrouw, 1989, p. 615) define bibliometria como

*“the application of mathematics and statistical methods to books and other media of communication”.*

Desta forma, a aplicação de técnicas bibliométricas viabiliza uma análise detalhada das principais áreas relacionadas com o tema, dos autores mais influentes, das revistas académicas que mais publicam ou citam artigos relacionados com o tema, dos estudos e autores mais citados. São expectáveis ainda resultados quanto às variáveis e metodologias mais utilizadas na literatura e quanto às unidades de análise estudadas, entre outros.

O presente estudo recorre a técnicas bibliométricas, na linha das que têm sido utilizadas em outras áreas da literatura como *clusters* (Cruz e Teixeira, 2010), empreendedorismo (Teixeira, 2011), inovação (Teixeira, 2013), “*open innovation*” (Wang e Tang, 2013), que nos permitem a obtenção sistemática e classificação rigorosa dos artigos que estudam a temática. No entanto, esta dissertação pretende fazer uma revisão de literatura extensiva, na linha do trabalho de Berning e Holtbrügge (2012) para o “*Chinese outward foreign direct investment*”, e não tanto uma análise específica do campo e das raízes do tema, como tem sido feito por alguns dos autores supracitados (Cruz e Teixeira, 2010; Wang e Tang, 2013).

Até ao momento não é conhecida nenhuma revisão de literatura abrangente nesta área, nomeadamente com recurso à bibliometria. Deste modo, a aplicação desta metodologia pode ser considerada inovadora, assim como os resultados que dela se obtiveram para avaliar o impacto do IDE emitido para o exterior no país de origem.

No próximo capítulo explica-se de forma meticulosa todos os procedimentos adoptados, as palavras-chave seleccionadas, as bases de dados elegidas, o processo de pesquisa, a exportação e tratamento de dados, assim como os procedimentos adoptados na classificação dos artigos e a sequente apresentação dos resultados obtidos.

### 3. Aplicação das técnicas bibliométricas

Sendo este tema um tema emergente, o recurso a técnicas bibliométricas permite-nos tirar algumas conclusões sobre os estudos já realizados. O objectivo desta análise foi investigar a extensão de estudos efectuados nesta área, autores e estudos mais citados, as revistas científicas que mais publicam sobre o tema, assim como perceber a evolução (cronológica) do número de estudos efectuados sobre a temática em questão, aferindo se a área realmente tem vindo a ganhar importância no debate internacional e se existem novos autores a realizar investigação.

No caso concreto desta dissertação, começou-se por estabelecer as bases de dados bibliográficas a utilizar nas pesquisas, isto é, a *Scopus (Elsevier)* e a *Web of Knowledge<sup>TM</sup> (Thomson Reuters)*. A escolha das bases de dados teve em conta o facto de serem bases de dados multidisciplinares, um factor importante na medida em que as pesquisas são cada vez mais globais e inter-relacionadas, assim como o número de revistas científicas e algumas características específicas.

A *Scopus* é uma base de dados com mais de 21 000 títulos de mais de 5 000 editores, com uma assinalável diversidade de revistas científicas, livros, atas de conferências e patentes, sendo uma base de dados multidisciplinar abrangendo áreas como a tecnologia, ciências, medicina, ciências sociais, entre outras. Na área das ciências sociais, da qual fazem parte a economia e os negócios, e na qual recai o nosso interesse no âmbito desta dissertação, são disponibilizados 7 000 *journals* (Scopus content, 2013).

A *Web of Knowledge<sup>TM</sup>* também é uma base multidisciplinar que abrange as ciências, ciências sociais e artes e humanidades, contém revistas científicas, livros e atas de conferências. Com um conteúdo de qualidade e mais 5 000 publicações das ciências em 55 disciplinas, esta base é, no entanto, uma base mais seletiva. Um factor determinante para a sua escolha é a sua antiguidade, “*100 years of abstracts*” (Web of Science, 2014), podendo encontrar nesta base de dados mais remotos. Desta forma, decidiu-se recorrer também a esta base de dados, por forma a assegurar a inclusão de artigos mais “clássicos”.

Posteriormente, foi realizada uma infinidade de pesquisas com inúmeras palavras-chave (*keywords*), por forma a seleccionar as que conseguiam obter o número

mais significativo de artigos possível. Para isso, foram utilizadas algumas palavras-chave que dizem respeito ao IDE no exterior de um modo geral e não aos seus efeitos ou impactos no país de origem em específico, isto para evitar que a pesquisa fosse demasiado restrita e que artigos relevantes escapassem a este exercício.

No decorrer destas pesquisas, foi possível perceber que a utilização de palavras-chave mais específicas ou relacionadas somente com o IDE no exterior (“*outward*”) resultavam num número diminuto de artigos face ao número que se podia potencialmente obter. Assim sendo, considerou-se que seria importante utilizar *keywords* mais abrangentes, mesmo sendo necessário, *a posteriori*, fazer uma triagem muito rigorosa (com base na leitura dos abstracts e, frequentemente, da totalidade do texto dos artigos) para ficarem apenas os artigos que realmente dizem respeito à temática dos efeitos e impacto do IDE no país de origem.

Posto isto, foram conjugadas, tanto na base de dados *Web of Knowledge<sup>TM</sup>* como na *Scopus*, as seguintes *keywords*:

- “*OFDI*”,
- “*outward FDI*”,
- “*outward foreign direct investment*”,
- “*outward direct investment*”,
- “*outflows fdi*”,
- “*outflows of fdi*”,
- “*outflows of fdi*”,
- “*outflows foreign direct investment*”,
- “*outflows of foreign direct investment*”,
- “*FDI outflows*”,
- “*foreign direct investment outflows*”,
- “*outbound fdi*”,
- “*outbound foreign direct investment*”,
- “*home country effect<sup>\*1</sup> of foreign direct investment*”.

---

<sup>1</sup> A utilização do símbolo \* permite que as pesquisas sejam feitas para o singular e para o plural da palavra em que está colocado

Com estas palavras-chave foi possível obter 376<sup>2</sup> e 449<sup>3</sup> resultados nas bases de dados *Web of Knowledge*<sup>TM</sup> e *Scopus*, respectivamente.<sup>4</sup> Para todos estes resultados foi retirada informação quanto aos autores, ano, título e *abstract*, assim como para o número de citações, a revista científica e o tipo de documento. A grande vantagem destas bases de dados é que tornam relativamente simples a sua exportação, o que se torna uma mais-valia para o trabalho, tornando-o menos oneroso.

Posteriormente, juntaram-se os resultados obtidos nas duas bases como um todo (um total de 825 obras) de modo a eliminar os títulos que se encontravam duplicados, ou seja, aqueles que foram obtidos em ambas as bases. Depois de efectuado este passo, ficaram 577 títulos entre artigos, atas de conferências, revisões de literatura e livros. A gestão e análise dos resultados obtidos foi feita com recurso ao *Microsoft Excel*.

Numa fase seguinte foi necessário apurar, de entre os 577 ficheiros, quais diziam de facto respeito a efeitos na economia de origem do Investimento Direto Estrangeiro (no exterior), para isso foi utilizada a informação disponível acerca de cada artigo (título e *abstract*), e, quando necessário foi analisado o texto integral, pois nem sempre foi possível aferir apenas pelo título e o *abstract* se o artigo correspondia à temática em causa. Esta fase foi deveras morosa e implicou um trabalho de grande rigor e minúcia.

O número de títulos que abordavam o impacto do IDE no país de origem, depois de retirar todos os outros que diziam a respeito a outras categorias como por exemplo determinantes do IDE no exterior (*outward*), efeitos do IDE no país anfitrião (*inward*), entre outras, foi de 113.

No entanto, infelizmente, mesmo com todos os esforços realizados, bem como através de *démarches* suplementares de diverso tipo, não foi possível ter acesso ao texto integral de 16 dos títulos da lista dos 113. Posto isto, o número final de ficheiros a classificar foi 97. A figura 1 demonstra as diferentes fases percorridas desde a seleção das palavras-chave à classificação dos artigos, enquanto a tabela 7 faz uma síntese dos número de resultados obtidos nas distintas etapas, desde da exportação dos dados das bases de dados bibliográficas, até ao número final de artigos a classificar.

---

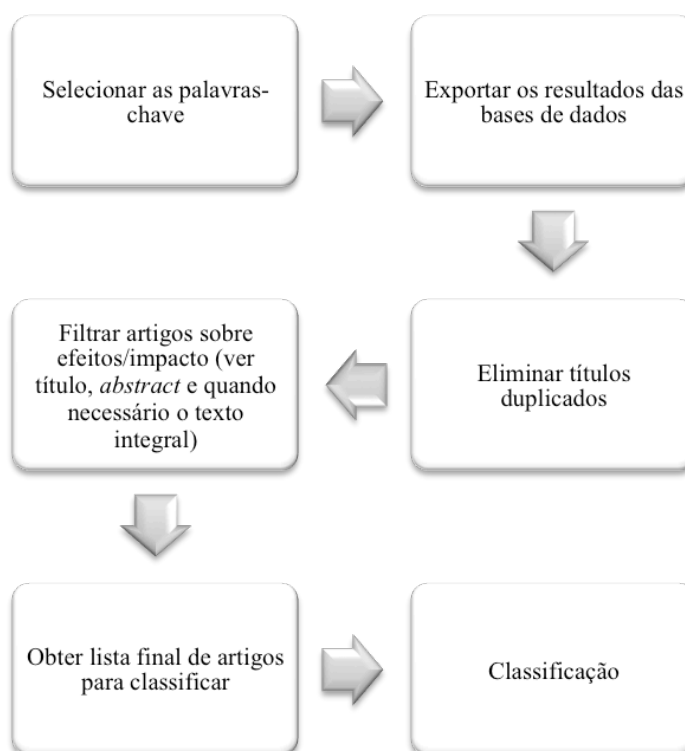
<sup>2</sup> Com os resultados da pesquisa da base de dados limitados às ciências sociais.

<sup>3</sup> Pesquisa da base de dados restrita à opção ciências sociais & humanidades.

<sup>4</sup> Estes resultados foram obtidos à data de 26 de Maio de 2014.

Este capítulo continua com dois subtópicos (3.1. e 3.2.). No primeiro é feita uma análise a nível geral dos artigos e no segundo explica-se de forma clara como foi efetuada a classificação e os respectivos resultados.

**Figura 1 - Esquema do processamento dos resultados**



**Tabela 7 - Evolução do nº de artigos**

	<i>Web of Knowledge<sup>TM</sup></i>	<i>Scopus</i>
<b>Nº inicial de artigos</b>	376	449
<b>Total de artigos</b>	825	
<b>Total de artigos sem artigos duplicados</b>	577	
<b>Total de artigos sobre efeitos/impacto do IDE no país de origem</b>	113	
<b>Total de artigos classificados</b>	97	



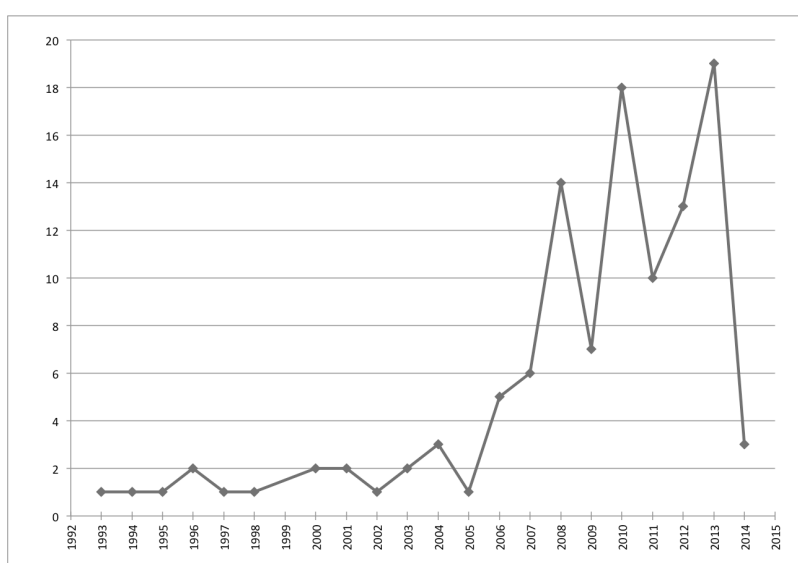
### 3.1. Análise geral

Antes de descrever pormenorizadamente em que consistiu a classificação dos artigos, é possível extrair e sintetizar alguma informação sobre todos os artigos (os 113) que foram selecionados por abordarem a temática dos efeitos do IDE no exterior no país de origem.

Uma análise anual do número de artigos permite ver que o artigo mais antigo remonta a 1993 e os mais recentes são do presente ano, 2014. O número de artigos de 1993 a 2005 é reduzido e aumenta drasticamente após 2006, chegando aos 19 artigos em 2013. Não é de estranhar que o número de artigos no ano de 2014 seja baixo uma vez que todo o processo foi realizado no decorrer deste ano e podia ainda não existir um número considerável de trabalhos publicados, nada impede que esse número seja mais elevado ao fecho do ano de 2014 (Figura 2).

Tal como foi dito ao longo desta dissertação, estamos perante uma área emergente, e os resultados obtidos demonstram isso mesmo. Na figura é possível ver, através de uma evolução cronológica dos nossos resultados, como tem existido um crescente interesse no tema e um maior número de artigos publicados, pelo menos no que aos resultados obtidos diz respeito.

**Figura 2 - Cronologia dos artigos obtidos (nº de artigos por ano)**



É possível também analisar as revistas científicas que publicaram estes trabalhos. Neste caso, o número de revistas diferentes que publicaram os artigos obtidos é muito abrangente (86), ao contrário do número de revistas a que corresponda mais do que um dos artigos constantes da nossa amostra, que é diminuto (Figura 3).

Por último, é possível depreender da tabela 8 quais são os 21<sup>5</sup> artigos mais citados. Embora o número de citações não seja muito elevado, há que ressaltar que muitos destes trabalhos são bastantes recentes, o que contribui certamente para o baixo número de citações. Estes trabalhos, e os respectivos autores, podem por isso ser entendidos como influentes na área, uma vez que de alguma forma têm sido considerados, *a posteriori*, por outros autores e noutros trabalhos.

---

<sup>5</sup> A opção seria de apresentar os 20 artigos mais citados, mas uma vez que existiam dois artigos com o mesmo número de citações optou-se por pôr o 21º artigo.

**Figura 3 - Revistas científicas (nº de artigos por revista)**



**Tabela 8 - Artigos mais citados<sup>6</sup>**

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Revista científica</b>	<b>Nº de citações</b>
<b>Lecraw, Donald J.</b>	Outward Direct-Investment by Indonesian Firms - Motivation and Effects	1993	<i>Journal of International Business Studies</i>	58
<b>Pfaffermayr, Michael</b>	Foreign Outward Direct Investment and Exports in Austrian Manufacturing: Substitutes or complements?	1996	<i>Weltwirtschaftliches Archiv - Review of World Economics</i>	31
<b>Hejazi, W. e Safarian, A. E.</b>	The Complementarity Between U.S. foreign Direct Investment Stock and Trade	2001	<i>Atlantic Economic Journal</i>	28
<b>Mariotti, S., Mutinelli, M. e Piscitello, L.</b>	Home Country Employment and Foreign Direct Investment: Evidence from the Italian Case	2003	<i>Cambridge Journal of Economics</i>	27
<b>Hejazi, W. e Pauly, P.</b>	Motivations for FDI and Domestic Capital Formation	2003	<i>Journal of International Business Studies</i>	24
<b>Herzer, Dierk</b>	The Long-Run Relationship Between Outward FDI and Domestic Output: Evidence from Panel Data	2008	<i>Economics Letters</i>	23
<b>Pfaffermayr, M.</b>	Foreign Direct-Investment and Exports - A Time-Series Approach	1994	<i>Applied Economics</i>	19
<b>Lin, An-loh</b>	Trade Effects of Foreign Direct Investment: Evidence for Taiwan with four ASEAN Countries	1995	<i>Weltwirtschaftliches Archiv - Review of World Economics</i>	17
<b>Bayoumi, T. e Lipworth, G.</b>	Japanese Foreign Direct Investment and Regional Trade	1998	<i>Journal of Asian Economics</i>	16
<b>Tsai, Pan-Long e Huang, Chao-Hsi</b>	Openness, Growth and Poverty: The Case of Taiwan	2007	<i>World Development</i>	14
<b>Zhao, Wei; Liu, Ling e Zhao, Ting</b>	The Contribution of Outward Direct Investment to Productivity Changes Within China, 1991-2007	2010	<i>Journal of International Management</i>	12
<b>Bitzer, J. e Görg H.</b>	Foreign Direct Investment, Competition and Industry Performance	2009	<i>The World Economy</i>	11

<sup>6</sup> O número de citações é de acordo com o maior número de citações obtido entre ambas as bases, isto é, para os artigos que foram obtidos em ambas as bases teve-se em conta o número de citações mais elevado. Considerou-se ser o processo mais harmonioso uma vez que se obteve artigos para duas bases diferentes, uns na *Scopus*, outros na *Web of Knowledge<sup>TM</sup>* e alguns em ambas.

<b>Ellingsen, G., Likumahuwa, W. e Nunnenkamp , P.</b>	Outward FDI by Singapore: A Different Animal?	2006	<i>Transnational Corporations</i>	11
<b>Kim, Eun Mee e Mah, Jai S.</b>	Patterns of South Korea's Foreign Direct Investment Flows into China	2006	<i>Asian Survey</i>	10
<b>Bitzer, Jürgen e Kerekes, Monika</b>	Does Foreign Direct Investment Transfer Technology Across Borders? New Evidence	2008	<i>Economics Letters</i>	9
<b>Castellani, D., Mariotti, I. e Piscitello, L.</b>	The Impact of Outward Investments on Parent Company's Employment and Skill Composition. Evidence from the Italian Case	2008	<i>Structural Change and Economic Dynamics</i>	9
<b>Iyer, Krishna G., Rambaldi, Alicia N. e Tang, Kam Ki</b>	Efficiency Externalities of Trade and Alternative Forms of Foreign Investment in OECD Countries	2008	<i>Journal of Applied Econometrics</i>	8
<b>Blomstrom, M. e Kokko, A.</b>	Outward Investment, Employment, and Wages in Swedish Multinationals	2000	<i>Oxford Review of Economic Policy</i>	8
<b>Driffield, Nigel., Love, James H. e Taylor, Karl</b>	Productivity and Labour Demand Effects of Inward and Outward Foreign Direct Investment on UK Industry	2009	<i>The Manchester School</i>	8
<b>Bajo-Rubio, O. e Montero- Muñoz, M.</b>	Foreign Direct Investment and Trade: A Causality Analysis	2001	<i>Open Economies Review</i>	7
<b>Herzer, Dierk e Schrooten, Mechthild</b>	Outward FDI and Domestic Investment in Two Industrialized Countries	2008	<i>Economics Letters</i>	7

### 3.2. Classificação e respectivos resultados

Depois de analisada alguma informação de carácter mais geral, mas não menos importante, neste ponto pretende-se explicar cada categoria da classificação que foi efectuada e os resultados alcançados para as mesmas. De ressaltar, tal como foi dito antes, que a classificação ocorreu apenas para os trabalhos em que foi possível aceder ao texto na íntegra, ou seja, aos 97 ficheiros. Daqui em diante serão referidos no geral como artigos uma vez que são constituídos essencialmente por artigos (85 artigos, 10 *proceedings papers*<sup>7</sup> e duas revisões de literatura)<sup>8</sup>.

A classificação dos artigos foi feita em diversas categorias, começando pela sua natureza, se são teóricos ou empíricos. A unidade de análise foi outra das categorias indicando o que cada trabalho está a analisar, se é ao nível de países, empresas, setores, trabalhadores, entre outras.

Quanto ao método utilizado foi categorizado em descritivo ou de causalidade. Descritivo quando recorre essencialmente a estatística descritiva para apresentar os dados relevantes ou no caso do de causalidade os estudos que estudam a causalidade ou relação entre várias variáveis e para isso recorrem a outros métodos para além da estatística descritiva como os métodos econométricos. Para cada método foi estabelecida uma subcategoria: se são *time-series* ou *cross-section*, no caso dos que apresentam métodos descritivos, ou por sua vez se são *time-series*, *cross-section* ou painel para os estudos com método de causalidade, tendo em conta o tipo de método e modelo utilizados.

A quarta categoria, classificada apenas para os artigos que utilizam um método de causalidade, diz respeito à *proxy* utilizada para a variável independente. De seguida classifica-se todos os artigos quanto à *proxy* dos efeitos, ou seja, a área de impacto em que cada estudo faz a sua abordagem (emprego, produtividade, inovação, desigualdade de rendimentos, entre outras).

---

<sup>7</sup> Segundo González-Albo e Bordons (2011, p. 370): “In 2008, the type of document “proceedings paper” was included in the WoS database to design documents initially presented at a conference or workshop and later adapted for publication in a journal.”. A WoS passou posteriormente a denominar-se como WoK (*Web of Knowledge*).

<sup>8</sup> O tipo de documento (artigo, revisão de literatura ou *proceedings papers*) foi uma das informações que foi exportada das bases sobre todos os artigos.

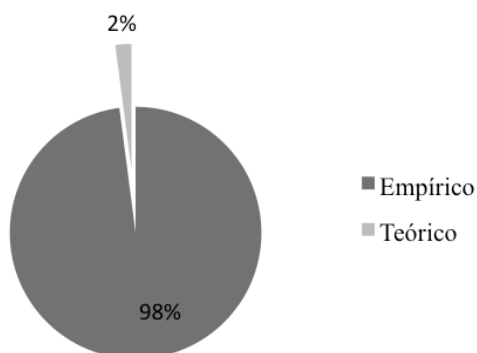
Sexta, e última categoria, sobre o efeito estimado nos resultados - se é positivo, negativo ou se é não significativo. Esta pode ser considerada a categoria mais importante uma vez que é a que reflete a evidência encontrada nos diferentes trabalhos, e que pode corroborar ou atenuar o ceticismo quanto aos efeitos do IDE no exterior nas economias de origem do investimento, ou, pelo contrário, apontar para uma visão mais otimista.

De seguida são apresentados os resultados de cariz mais quantitativo obtidos com a classificação.

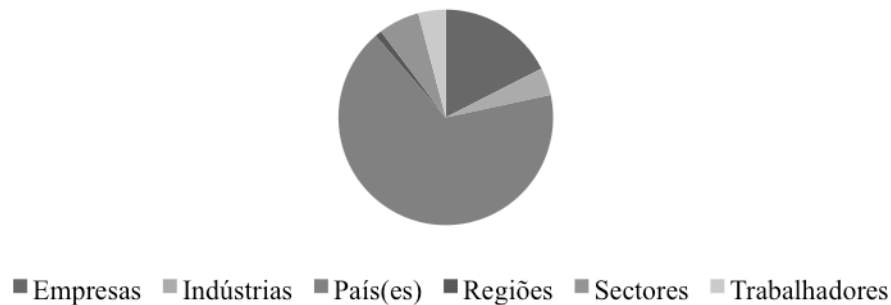
No que à natureza dos artigos diz respeito, os resultados são muito claros: os artigos são na sua esmagadora maioria empíricos (Figura 4).

Quanto às unidades de análise, embora tenham sido encontradas seis unidades de análise diferentes (empresas, indústrias, países, regiões, setores e trabalhadores), a maioria das abordagens tem como objectivo estudar o impacto num país ou num grupo de países. Posto isto, a que mais se destaca é a dos países, seguida pela das empresas (ver figura 5).

**Figura 4 - Natureza dos artigos**



**Figura 5 - Unidades de análise**



O método, dos dois categorizados (descritivo e de causalidade), que ocorre com maior frequência nos estudos é o de causalidade. No decurso de todo o processo de conhecimento e classificação dos artigos foi possível concluir que uma parcela volumosa dos estudos sobre este tema tem como principal objectivo estimar a causalidade de uma variável sobre outra, ou a relação entre várias variáveis. Parte dos estudos que estimam a relação entre diversas variáveis, como por exemplo entre as exportações domésticas e o Investimento Direto Estrangeiro no exterior, pretendem saber se essa relação é unidirecional ou bidirecional, negativa ou positiva; no entanto, para a nossa questão, somente nos interessou o efeito do IDE no exterior nas variáveis domésticas.

O número de estudos com recurso ao método descritivo é deveras reduzido (6). É necessário ressaltar que esta classificação quanto ao método não foi aplicável em dois casos uma vez que não têm conteúdo quantitativo, sendo estes casos uma revisão de literatura e um modelo teórico/analítico.

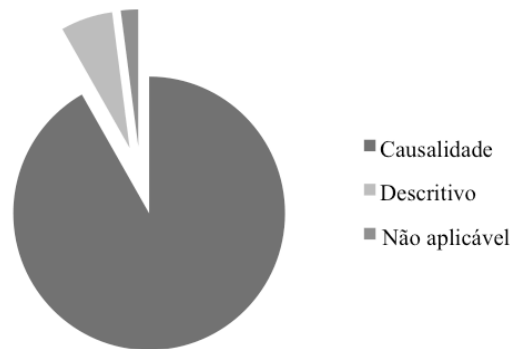
Quanto ao tipo de modelo e método aplicados, nos estudos de causalidade são essencialmente painel e *time-series*, com uma pequena percentagem de estudos com modelos *cross-section*. Por sua vez, as investigações com método descritivo, apresentam fundamentalmente análises temporais (*time-series*). Posto isto, os resultados apresentados nas figuras 6 e 7 não são surpreendentes.<sup>9</sup>

---

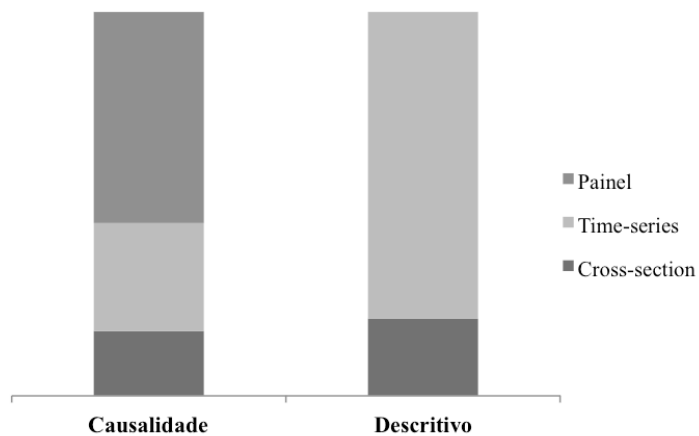
<sup>9</sup> Os casos considerados como “nao aplicável” na figura 6 dizem respeito a uma revisão de literatura e a um modelo teórico/analítico.



**Figura 6 - Método**

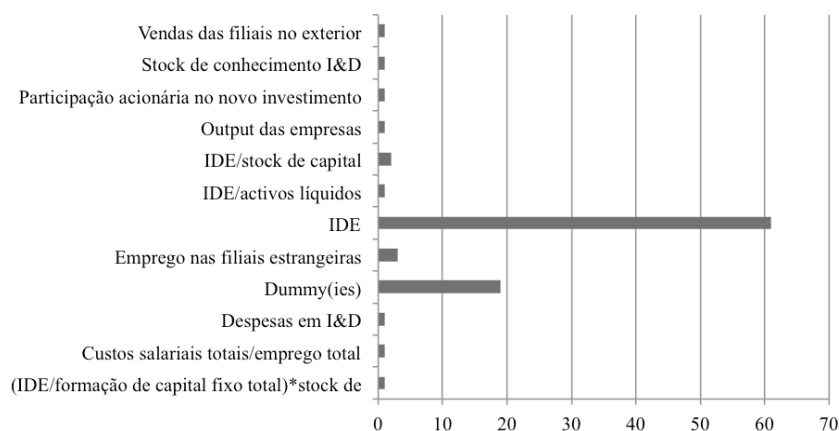


**Figura 7 - Subcategoria do método/modelo**



As categorias seguintes abordaram as *proxies* da variável independente e dos efeitos. Foram classificados 18 tipos de *proxies* diferentes, esses resultados são apresentados na figura 8, tendo em conta o número de artigos em que foram utilizadas, isto porque em alguns estudos foram consideradas diversas variáveis diferentes como *proxies*.

**Figura 8 - *Proxies* para a variável independente**

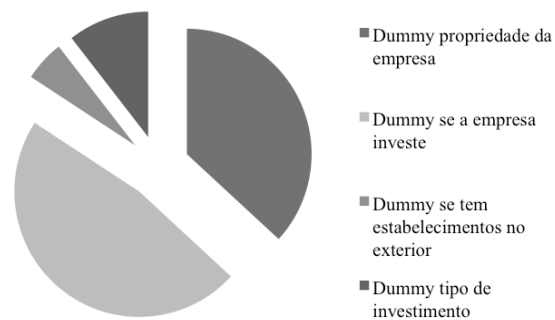


No entanto, na figura aparecem apenas 12, pois tanto as dummies como o IDE estão agrupados. Considerou-se benéfico apresentar separadamente os resultados para as duas *proxies* mais usuais: as dummies e o IDE. As dummies foram agrupadas em quatro grandes grupos (figura 9) e o IDE por sua vez repartido em quatro, igualmente, pois existem estudos que referem explicitamente se utilizam *flows*<sup>10</sup>, *stocks*<sup>11</sup> ou ambos. Existe autores que defendem que a utilização dos *stocks* de IDE permite capturar efeitos de médio e longo prazo (Bitzer e Görg, 2009; Herzer, 2011a; Ren e Li, 2010). Para os casos em que não foi especificado se eram *flows* ou *stocks* optou-se por colocar como IDE (NE) (não especificado) – ver figura 10.

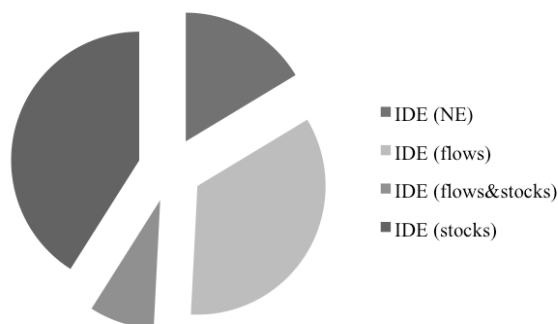
<sup>10</sup> “Flows of FDI comprise capital provided (either directly or through other related enterprises) by a foreign direct investor to an FDI enterprise, or capital received from an FDI enterprise by a foreign direct investor.” (UNCTAD, 2009, p. 243).

<sup>11</sup> “FDI stock is the value of the share of their capital and reserves (including retained profits) attributable to the parent enterprise, plus the net indebtedness of affiliates to the parent enterprise.” (UNCTAD, 2009, p. 243).

**Figura 9 - Repartição da *proxy dummy***



**Figura 10 - Repartição da *proxy IDE***



Resumindo, a *proxy* da variável independente diz fundamentalmente respeito a valores do Investimento Direto Estrangeiro no exterior e a dummies (se a empresa realiza investimento; quanto à propriedade das empresas; se passou a investir nesse ano; se tem estabelecimentos no exterior; quanto ao tipo de investimento). São também utilizadas outras *proxies*, como o emprego nas filiais estrangeiras, a despesa em I&D, as vendas das filiais assim como, o output das empresas (doméstica e filiais estrangeiras).

Quanto à *proxy* dos efeitos, os estudos obtidos procuraram resultados para uma multiplicidade de áreas de impacto. Mais de um terço dos artigos científicos analisados estudam os resultados do IDE no exterior sobre mais do que uma variável doméstica, ou seja, existem artigos que estudam simultaneamente os efeitos nas exportações e

importações domésticas, ou então, no output doméstico, nos salários e no emprego, por exemplo.

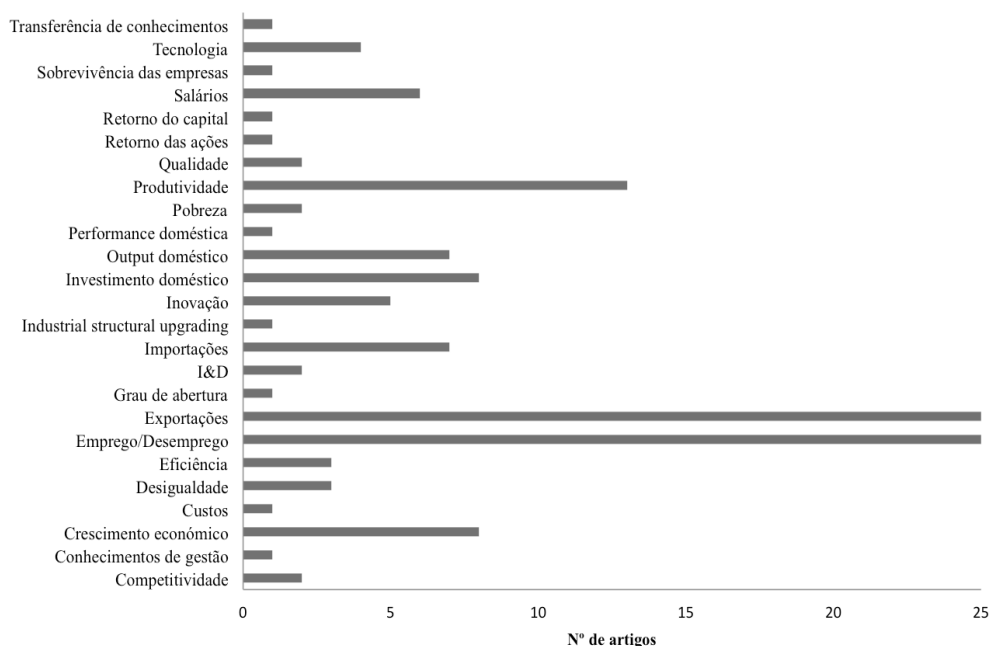
No capítulo 1, na revisão de literatura referimos que existem algumas variáveis já mais aprofundadas nesta linhagem de trabalhos, essencialmente aquelas em que os efeitos têm levantado maior cepticismo como o emprego, o comércio internacional (exportações e/ou importações), o investimento, a produtividade, o output e o crescimento domésticos.

Contudo, os resultados obtidos demonstram que o leque de áreas de impacto em estudo é bem mais extenso. Existem estudos para os efeitos do IDE no exterior em variáveis domésticas bastante específicas como, por exemplo, a pobreza, a sobrevivência das empresas, o retorno das ações, a qualidade, os conhecimentos de gestão, entre muitas outras.

Neste caso em concreto, as *proxies* agrupam-se principalmente em 25 áreas de impacto, tendo sido agrupadas algumas mais específicas de um modo mais geral. A produtividade é um desses casos em que existem estudos que estudam a produtividade doméstica, ou de forma mais específica a produtividade total de fatores (PTF). Nesse caso foram classificados todos como produtividade. Assim como o emprego, pois alguns estudos recaem especificamente sobre o crescimento do emprego, a procura de trabalho, o desemprego, alguns sob a “*skill composition*”, etc.

Nos nossos resultados foram estabelecidas 25 *proxies* principais, umas mais abordadas do que outras (ver figura 11). Esta diversidade manifesta o crescente interesse sob esta temática e como estão a ser alargadas as suas pesquisas às mais distintas variáveis.

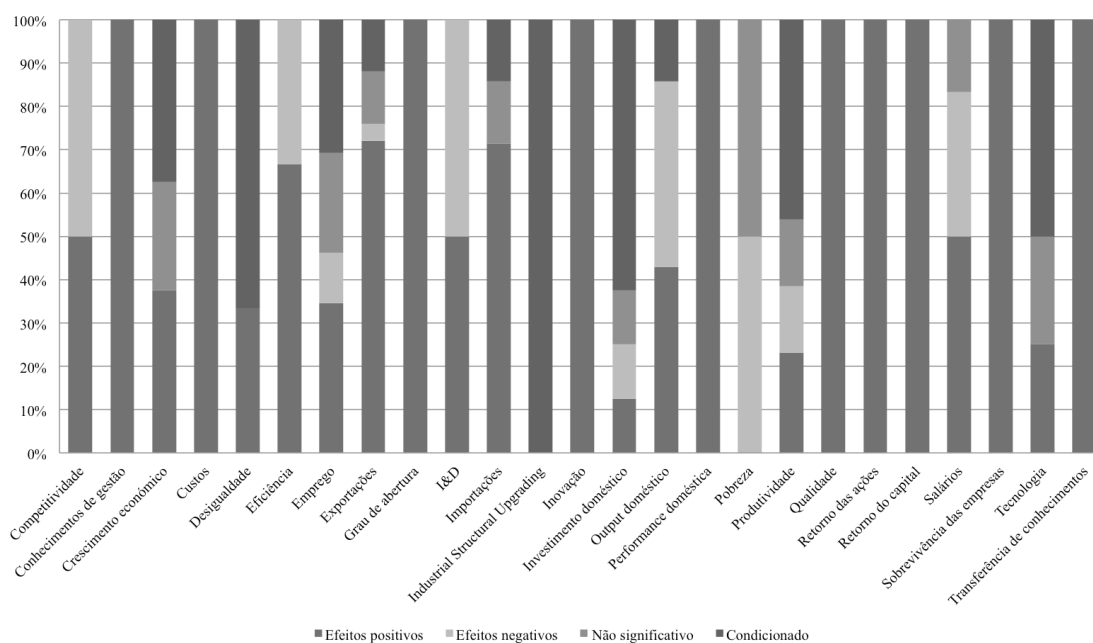
**Figura 11 - *Proxies* para os efeitos**



A última categoria a classificar foram os efeitos estimados para os diversos trabalhos nas distintas áreas de impacto. Ao realizar esta classificação, foi possível perceber que os resultados estimados muitas vezes não são absolutos, isto é, variam conforme o país de destino do investimento, se é desenvolvido ou em vias de desenvolvimento, divergem entre setores diferentes, diferem conforme o horizonte temporal (curto prazo/longo prazo). Posto isto, optou-se por identificar uma categoria como “Condicionado” para os resultados que não sejam somente positivos/negativos/não significativos para a mesma área de impacto, de maneira a ser perceptível que nesses estudos os resultados diferem entre países, setores ou outra unidade de análise.

Os resultados são apresentados para as 25 áreas de impacto (figura 12).

**Figura 12 - Resultados obtidos por área de impacto**



As temáticas mais investigadas, emprego, exportações, importações, produtividade, investimento e output domésticos, assim como o crescimento económico, obtiveram maioritariamente resultados positivos. O facto de serem mais investigadas faz com que os resultados obtidos digam respeito às conclusões de diversos estudos diferentes para a mesma área de impacto, o que constitui inequivocamente uma mais-valia para validade dos resultados obtidos.

No caso do emprego, os resultados obtidos são superiores aos negativos, os resultados condicionados dizem principalmente respeito a diferenças dos resultados quanto à tipologia do país de destino do investimento, isto é, são encontrados resultados negativos para o IDE direcionado aos países menos desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, por contraponto ao efeitos positivos obtidos para os países mais avançados/desenvolvidos.

Para a produtividade, os efeitos positivos superam os negativos, mas é necessário analisar os resultados condicionados. Isto porque uma parte dos estudos chegaram a resultados diferentes consoante o setor ou a longevidade temporal. No caso dos setores, são por vezes encontrados efeitos positivos na produtividade doméstica na

indústria, ao contrário dos serviços, que obtém efeitos negativos. Outros estudos encontram um impacto positivo no longo prazo, mas não significativos para o curto prazo.

Para o comércio internacional, conclui-se que há um impacto positivo, tanto para as exportações como para as importações sendo obtidos resultados essencialmente positivos. O impacto na balança de pagamentos da economia que investe no exterior vai depender se as consequências são mais fortes nas exportações ou nas importações, e essa análise deve ser feita país a país.

No caso do investimento doméstico, os resultados obtidos são muito heterogêneos, para além de serem diferenciados consoante a longevidade temporal (curto/longo prazo), o país de destino do investimento e o setor, existem diferenças para a mesma referência mesmo entre estudos, por exemplo, estudos diferentes chegam a resultados divergentes para os efeitos de longo prazo. Neste caso, são necessárias mais investigações para demonstrarem as tendências do impacto do IDE no exterior no investimento doméstico.

Outro caso em que ainda não se encontra uma tendência clara em termos de efeitos é no output doméstico. Dos artigos analisados, três chegaram a resultados positivos e outros três a resultados negativos, existindo um estudo em que os efeitos diferem consoante o horizonte temporal, apresentando efeitos positivos no longo prazo e não significativos no curto prazo.

Os efeitos do IDE no exterior sobre o crescimento económico do país emissor do investimento dividem-se entre positivos, não significativos e condicionados. Os últimos, dizem essencialmente respeito a diferenças encontradas consoante o horizonte temporal. Existe uma tendência para efeitos positivos no longo prazo, enquanto no curto os resultados são díspares, entre positivos, negativos e não significativos.

Para as áreas mais particulares, e nas quais recaem menos estudos sobre os efeitos do IDE, sejam elas: os conhecimentos de gestão, os custos, o grau de abertura, o retorno das ações e do capital, a performance doméstica, a sobrevivência das empresas e a transferência de conhecimentos, os resultados são excecionalmente positivos. No entanto, há que ressaltar que, para estas áreas, os resultados dizem respeito apenas aos resultados de um artigo. Assim sendo, nada impede que em estudos posteriores para as

mesmas temáticas não sejam obtidos resultados diferentes, ou mesmo opostos. É caso para postular a necessidade de mais investigação.

Um caso peculiar é o da produtividade doméstica, pois exhibe resultados muito díspares. A parcela de efeitos apresentados como condicionados deve-se à diferença consoante o horizonte temporal (positivos no longo prazo, negativos no curto prazo) e segundo as características do país que investe (efeitos não significativos na desigualdade para países de rendimento elevado ou baixo, e impacto negativo em países com rendimento médio com baixos níveis de capital humano).

De uma forma global, os resultados obtidos podem ser interpretados como positivos e trazem alguma consistência a uma visão mais optimista dos efeitos do Investimento Direto Estrangeiro no exterior no país de origem. Com os resultados obtidos apreende-se que cada país pode ser um caso particular e obter resultados específicos.

Quanto aos efeitos negativos, apenas se destacaram em três áreas de impacto, competitividade, I&D e pobreza. Nestas, metade dos artigos obtém resultados negativos, mas o número de artigos que as analisa é ínfimo (dois no caso da desigualdade e da pobreza, três acerca da competitividade).



#### 4. Conclusão

Depois de realizada uma extensa e profunda revisão de literatura, assim como a aplicação de técnicas bibliométricas, para, *a posteriori*, se categorizarem os artigos obtidos, conclui-se que existe evidência que apoia, em geral, uma expectativa mais positiva quanto aos efeitos no país de origem do Investimento Direto Estrangeiro no exterior.

Os trabalhos analisados na revisão de literatura chegam a resultados positivos para as áreas de impacto sobre as quais existe maior ceticismo sobre o impacto do IDE no exterior no país de origem. São elas: o emprego, o output doméstico e o crescimento económico, assim como a produtividade. Para o comércio internacional e o investimento doméstico não existe uma tendência clara, isto é, os resultados obtidos são mais heterogêneos, variando conforme o país para o qual é direcionado o investimento ou o horizonte temporal. Posto isto, seria interessante que houvesse mais investigação nestas áreas, sobre as quais ainda subsistem muitas dúvidas.

Quanto aos artigos que foram classificados, os efeitos obtidos foram, de uma forma geral, positivos. As áreas mais exploradas obtêm resultados maioritariamente positivos, o que vai de encontro ao que foi analisado na revisão de literatura mais descritiva (capítulo 1). No entanto, nessa revisão o comércio internacional apresentava efeitos díspares conforme os estudos, enquanto na análise dos artigos classificados, o IDE no exterior tem tendencialmente um impacto positivo tanto nas exportações, como nas importações, individualmente.

A análise também demonstrou efeitos positivos do IDE em variáveis menos abordadas, como por exemplo, o retorno do capital e os conhecimentos de gestão. No entanto, é importante ressaltar o diminuto número de investigações para estas áreas (pelo menos na lista de artigos obtidos com as técnicas bibliométricas). Pode haver alguma fragilidade nos efeitos encontrados e seria uma de grande relevância que no futuro fossem realizadas mais investigações neste sentido.

Apesar de os efeitos negativos encontrados não se destacarem face aos positivos como seria expectável numa visão mais cética sobre os efeitos do IDE no exterior, é necessário dizer que, ainda assim, existem muitos resultados em que os efeitos obtidos foram classificados como condicionados, isto porque divergem consoante o país de

destino do investimento, conforme as características do país emissor, de acordo com o setor ou ainda segundo o horizonte temporal (curto ou longo prazo). No caso do horizonte temporal, os efeitos tendam a ser mais positivos no longo prazo relativamente ao curto prazo.

O principal objetivo das medidas públicas, neste caso, deve passar políticas que ajudem a ampliar o impacto do IDE *outward* no país de origem, quando tal impacto é considerado positivo (incentivem o investimento) ou que ajudem a minorar esse impacto quando os efeitos possam ser negativos. Não se elencam exemplos de medidas de políticas públicas concretas, na medida em que o presente estudo não permite concluir nada de concreto sobre a sua natureza específica, e tendo em conta que as medidas mais adequadas são contingentes de acordo com as circunstâncias de cada território. Tendo em conta os resultados heterogêneos obtidos em alguns estudos, deve existir uma preocupação por parte dos decisores de política para o estudo dos efeitos no caso concreto da sua economia, por forma a que as medidas ao nível do investimento, do comércio internacional, entre outros, sejam adaptadas à realidade de cada país e às suas relações internacionais.

É possível concluir que, tal como foi referido na introdução, estamos perante uma área emergente e em grande evolução. De todos os artigos analisados no decorrer deste trabalho, um número considerável são artigos publicados nos últimos 10 anos, demonstrando o quão atuais são estas temáticas. São, no entanto, necessários mais estudos para uma diversidade de países e períodos temporais, que possam trazer mais evidência e consistência à avaliação dos efeitos do IDE no exterior no país de origem.

Considera-se que seria interessante, em pesquisas futuras, fazer uma aplicação da bibliometria para a análise do campo e das raízes desta temática, uma investigação inovadora que permitisse concluir quais os autores que têm vindo a influenciar esta área de estudos, as vertentes que por ela têm sido influenciadas, assim como, as origens, em que países se tem publicado mais e em quais se encontram os autores mais influentes. No entanto, a quantidade de literatura existente ainda não permite grandes avaliações a estes níveis, razão pela qual estas foram descartadas da presente dissertação.

## Referências bibliográficas

Alguacil, M. T. e Orts, V. (2002), “A multivariate cointegrated model testing for temporal causality between exports and outward foreign investment: the Spanish case”, *Applied Economics*, 34(1), pp. 119-132.

Berning, S. C. e Holtbrügge, D. (2012), “Chinese outward foreign direct investment—a challenge for traditional internationalization theories?”, *Journal für Betriebswirtschaft*, 62(3-4), pp. 169–224.

Bitzer, J. e Görg, H. (2009), “Foreign Direct Investment, Competition and Industry Performance”, *The World Economy*, 32(2), pp. 221-233.

Blomstrom, M. e Kokko, A. (1994), “Home Country Effects of Foreign Direct Investment: Evidence from Sweden”, *National Bureau of Economic Research Working Paper Series*, No. 4639.

Blomstrom, M. e Kokko, A. (1998), "Multinational Corporations and Spillovers", *Journal of Economic Surveys*, 12(3), pp. 247-277.

Brainard, S. L. e Riker, D. A. (1997), “Are U.S. Multinationals Exporting U.S. Jobs?”, *National Bureau of Economic Research Working Paper Series*, No. 5958.

Braunerhjelm, P., Oxelheim, L. e Thulin, P. (2005), “The relationship between domestic and outward foreign direct investment: The role of industry-specific effects”, *International Business Review*, 14(6), pp. 677-694.

Castellani, D., Mariotti, I. e Piscitello, L. (2008), "The impact of outward investments on parent company's employment and skill composition : Evidence from the Italian Case ", *Structural Change and Economic Dynamics*, 19(1), pp. 81-94.

Caves, R. E. (1974), "Multinational Firms, Competition, and Productivity in Host-Country Markets", *Economica*, 41(162), pp. 176-193.

Chang, C.-L., Chen, S.-P. e McAleer, M. (2013), “Globalization and knowledge spillover: international direct investment, exports and patents”, *Economics of Innovation and New Technology*, 22(4), pp. 329-352.

Chen, J.-E. e Zulkifli, S. A. M. (2012), “Malaysian Outward FDI and Economic Growth”, *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 65, pp. 717-722.

Chen, K.-M., e Yang, S.-F. (2013), "Impact of Outward Foreign Direct Investment on Domestic R&D Activity: Evidence from Taiwan's Multinational Enterprises in Low-wage Countries", *Asian Economic Journal*, 27(1), pp. 17-38.

Chow, P. C. Y. (2012), "The effect of outward foreign direct investment on home country's export: A case study on Taiwan, 1989–2006", *The Journal of International Trade & Economic Development*, 21(5), pp. 725-754.

Cruz, S. C. S., e Teixeira, A. A. C. (2010), "The Evolution of the Cluster Literature: Shedding Light on the Regional Studies-Regional Science Debate", *Regional Studies*, 44(9), pp. 1263-1288.

Cuyvers, L. e Soeng, R. (2011), "The effects of Belgian outward direct investment in European high-wage and low-wage countries on employment in Belgium", *International Journal of Manpower*, 32(3), pp. 300-312.

Debaere, P., Lee, H. e Lee, J. (2010), "It Matters Where You Go: Outward Foreign Direct Investment and Multinational Employment Growth at Home", *Journal of Development Economics*, 91(2), pp. 301-309.

Driffield, N., Love, J. H. e Taylor, K. (2009), "Productivity and labour demand effects of inward and outward foreign direct investment on UK industry", *Manchester School*, 77(2), pp. 171-203.

Dunning, J. H. e Narula, R. (1996), "The Investment Development Path Revisited: Some Emerging Issues", in John H. Dunning and Rajneesh Narula (eds), *Foreign direct investment and governments: Catalysts for economic restructuring*, Chapter 1, London and New York: Routledge, pp. 1-41.

Ellingsen, G., Likumahwa, W. e Nunnenkamp, P. (2006), "Outward FDI by Singapore: A different animal?", *Transnational Corporations*, 15(2), pp. 1-40.

Elsevier B. V. (2013), "Scopus content", [http://www.elsevier.com/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0006/155427/Scopus-Content.pdf](http://www.elsevier.com/__data/assets/pdf_file/0006/155427/Scopus-Content.pdf) [acedido em 20.04.2014].

Federico, S. e Minerva, G. A. (2008), "Outward FDI and Local Employment Growth in Italy", *Review of World Economics*, 144(2), pp. 295-324.

Fonseca, M., Mendonça, A. e Passos, J. (2010), "Home Country Trade Effects of Outward FDI: an analysis of the Portuguese case, 1996-2007", *Working Papers (FEP - Universidade do Porto)*, 267, pp. 1-29.

Fors, G. e Kokko, A. (2001), "Home-Country Effects of FDI: Foreign Production and Structural Change in Home-Country Operations", in Blomstrom, M. e Goldberg, L. S. (eds), *Topics in Empirical International Economics: A Festschrift in Honor of Robert E. Lipsey*, University of Chicago Press, pp. 137-162.

Foster-McGregor, N., Isaksson, A. e Kaulich, F. (2014), "Outward Foreign Direct Investment, Exporting and Firm-Level Performance in Sub-Saharan Africa", *Journal of Development Studies*, 50(2), pp. 244-257.

Goedegebuure, R. V. (2006), "The Effects of Outward Foreign Direct Investment on Domestic Investment", *Investment Management and Financial Innovations*, 3(1), pp. 9-22.

Goh, S. K., Wong, K. N. e Tham, S. Y. (2013), "Trade linkages of inward and outward FDI: Evidence from Malaysia", *Economic Modelling*, 35, pp. 224-230.

González-Albo, B. e Bordons, M. (2011), "Articles vs. proceedings papers: Do they differ in research relevance and impact? A case study in the Library and Information Science field", *Journal of Informetrics*, 5(3), pp. 369–381.

Harrison, A. E. e McMillan, M. S. (2006), "Outsourcing Jobs? Multinationals And Us Employment", *National Bureau of Economic Research Working Paper Series*, No. 12372.

Head, K. e Ries, J. (2001), "Overseas Investment and Firm Exports", *Review of International Economics*, 9(1), pp. 108-122.

Herzer, D. (2008), "The long-run relationship between outward FDI and domestic output: Evidence from panel data", *Economics Letters*, 100(1), pp. 146-149.

Herzer, D. (2010), "Outward FDI and economic growth", *Journal of Economic Studies*, 37(5), pp. 476-494.

Herzer, D. (2011a), "The long-run effect of outward FDI on domestic output in developing countries", *Applied Economics Letters*, 18(14), pp. 1355-1358.

Herzer, D. (2011b), "The Long-run Relationship between Outward Foreign Direct Investment and Total Factor Productivity: Evidence for Developing Countries", *Journal of Development Studies*, 47(5), pp. 767-785.

Herzer, D. (2012), "Outward FDI, Total Factor Productivity and Domestic Output: Evidence from Germany", *International Economic Journal*, 26(1), pp. 155-174.

Herzer, D. e Nunnenkamp, P. (2013), "Inward and outward FDI and income inequality: evidence from Europe", *Review of World Economics*, 149(2), pp. 395-422.

Herzer, D. e Schrooten, M. (2008) "Outward FDI and domestic investment in two industrialized countries", *Economics Letters*, 99(1), pp. 139-143.

Hsu, W.-C., Gao, X., Zhang, J. e Lin, H. M. (2011), "The effects of outward FDI on home-country productivity: Do location of investment and market orientation matter?", *Journal of Chinese Economic and Foreign Trade Studies*, 4(2), pp. 99-116.

Huang, S. e Wang, Q. (2009), "Reverse Technology Spillover from Outward FDI: The Case of China", *International Conference on Management of e-Commerce and e-Government*, pp. 550-553.

Imbriani, C., Pittiglio, R. e Reganati, F. (2011), "Outward Foreign Direct Investment and Domestic Performance: the Italian Manufacturing and Services Sectors", *Atlantic Economic Journal*, 39(4), pp. 369-381.

Kang, K. (2012), "Is the relationship between foreign direct investment and trade different across developed and developing countries? Evidence from Korea", *Asian-Pacific Economic Literature*, 26(2), pp. 144-154.

Kim, J.-D. e Kang, I.-S. (1996), "Outward FDI and Exports: The case of South Korea and Japan", *Journal of Asian Economics*, 8(1), pp. 39-50.

Lee, C. G. (2010), "Outward Foreign Direct Investment and Economic Growth: Evidence from Japan", *Global Economic Review*, 39(3), pp. 317-326.

Lievrouw, L. A. (1989), "The Invisible College Reconsidered: Bibliometrics and the Development of Scientific Communication Theory", *Communication Research*, 16(5), pp. 615-628.

Lin, H.-L. e Lin, E. S. (2010), "FDI, Trade, and Product Innovation: Theory and Evidence", *Southern Economic Journal*, 77(2), pp. 434-464.

Liu, X., Wang, C. e Wei, Y. (2001), "Causal links between foreign direct investment and trade in China", *China Economic Review*, 12(2-3), pp. 190-202.

Mariotti, S., Mutinelli, M. e Piscitello, L. (2003), "Home Country Employment and Foreign Direct Investment: Evidence from the Italian Case", *Cambridge Journal of Economics*, 27(3), pp. 419-431.

Masso, J., Varblane, U. e Vahter, P. (2008), "The Effect of Outward Foreign Direct Investment on Home-Country Employment in a Low-Cost Transition Economy", *Eastern European Economics*, 46(6), pp. 25-59.

OECD (2002), "Frascati Manual 2002: Proposed Standard Practice for Surveys on Research and Experimental Development", *OECD Publishing*, [http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/science-and-technology/frascati-manual-2002\\_9789264199040-en#page202](http://www.keepeek.com/Digital-Asset-Management/oecd/science-and-technology/frascati-manual-2002_9789264199040-en#page202) [acedido em 20.12.2013].

OECD (2008), "OECD Benchmark Definition of Foreign Direct Investment", 4ª edição, <http://www.oecd.org/daf/inv/investmentstatisticsandanalysis/40193734.pdf> [acedido em 25.11.2013].

Onaran, Ö. (2012) "The Effect of Foreign Affiliate Employment on Wages, Employment, and the Wage Share in Austria", *Review of Political Economy*, 24(2), pp. 251-271.

Onaran, Ö., Stockhammer, E. e Zwickl, K. (2013), "FDI and domestic investment in Germany: crowding in or out?", *International Review of Applied Economics*, 27(4), pp. 429-448.

Ren, L. e Li, B. (2010), "VAR model Analysis on Japan's OFDI and Industrial Structural Upgrading", in Chen, G., Kerre, E. E., Westland, J. C. e Wang, R. (eds), *Advances in Intelligent Systems Research*, Atlantis Press, 14, pp. 187-193.

Seo, J. S. e Suh, C.-S. (2006), "An Analysis of Home Country Trade Effects of Outward Foreign Direct Investment: The Korean Experience with ASEAN, 1987–2002", *Asean Economic Bulletin*, 23(2), pp. 160-170.

Teixeira, A. A. C. (2011), "Mapping the (In)visible College(s) in the Field of Entrepreneurship", *Scientometrics*, 89(1), pp. 1-36.

Teixeira, A. A. C. (2013), "Evolution, roots and influence of the literature on National Systems of Innovation: a bibliometric account", *Cambridge Journal of Economics*, pp. 1-34.

UNCTAD (2003), "World Investment Report 2003: FDI Policies for Development: National and International Perspectives", New York and Geneva: UN, [http://unctad.org/en/Docs/wir2003\\_en.pdf](http://unctad.org/en/Docs/wir2003_en.pdf) [acedido em 27.12.2013].

UNCTAD (2009), “World Investment Report 2009: Transnational Corporations, Agricultural Production, and Development”, *United Nations Publication*, [http://unctad.org/en/docs/wir2009\\_en.pdf](http://unctad.org/en/docs/wir2009_en.pdf) [acedido em 11.08.2014].

Vahter, P. e Masso, J. (2005), "Home versus Host Country Effects of FDI: Searching for New Evidence of Productivity Spillovers", *Working Papers of Eesti Pank*, 13, pp. 1-47.

Wang, W. e Tang, J. (2013), "Mapping Development of Open Innovation Visually and Quantitatively: A Method of Bibliometrics Analysis", *Asian Social Science*, 9(11), pp. 254-269.

Web of Science (2014), <http://wokinfo.com/citationconnection/> [acedido em 20.04.2014].

Weng, Y., Yang, C.-H. e Tu, F.-C. (2010), “Outward foreign direct investment and product quality of domestic productions: An empirical investigation”, *Journal of Business Economics and Management*, 11(3), pp. 396-414.

Wong, K. N. e Goh, S. K. (2013), “Outward FDI, merchandise and services trade: evidence from Singapore”, *Journal of Business Economics and Management*, 14(2), pp. 276-291.

Yang, S.-F., Chen, K.-M. e Huang, T.-H. (2013), "Outward foreign direct investment and technical efficiency: Evidence from Taiwan's manufacturing firms", *Journal of Asian Economics*, 27, pp. 7-17.

Zhang, K. H. e Song, S. (2000), “Promoting exports The role of inward FDI in China”, *China Economic Review*, 11, pp. 385-396.

Zhao, W., Liu, L. e Zhao, T. (2010), "The contribution of outward direct investment to productivity changes within China, 1991–2007", *Journal of International Management*, 16(2), pp. 121-130.